

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

SIMONE CARVALHO DE OLIVEIRA BOECHAT

**GÊNERO DIGITAL *FANFICTION*: A CONSTRUÇÃO DE NOVAS ESTRATÉGIAS
DE ENSINO PARA A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Vitória
2016

SIMONE CARVALHO DE OLIVEIRA BOECHAT

**GÊNERO DIGITAL *FANFICTION*: A CONSTRUÇÃO DE NOVAS ESTRATÉGIAS
DE ENSINO PARA A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Profletras) do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Borges Ferreira de Araújo

Vitória

2016

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

B669g Boechat, Simone Carvalho de Oliveira.

Gênero digital fanfiction : a construção de novas estratégias de ensino para a prática de leitura e escrita no ensino fundamental / Simone Carvalho de Oliveira Boechat. – 2016.

84 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Fernanda Borges Ferreira de Araújo.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras, Vitória, 2016.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Língua portuguesa – Ensino fundamental. I. Araújo, Fernanda Borges Ferreira de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21: 469.07



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

SIMONE CARVALHO DE OLIVEIRA BOECHAT

GÊNERO DIGITAL FANFICTION: A CONSTRUÇÃO DE NOVAS ESTRATÉGIAS
DE ENSINO PARA A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO
FUNDAMENTAL

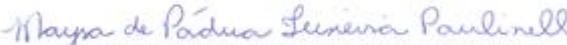
Trabalho Final de Curso apresentando ao
Programa de Mestrado Profissional em Letras
– Profletras, ofertado pelo Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito
Santo, em rede Nacional.

Aprovado em 25 de novembro de 2016

COMISSÃO EXAMINADORA


Profª. Drª. Fernanda Borges Ferreira de Araújo
Instituto Federal do Espírito Santo
Orientadora


Prof. Dr. Etelvo Ramos Filho
Instituto Federal do Espírito Santo
Membro Interno


Profª. Drª. Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli
Universidade Federal de Ouro Preto
Membro Externo



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

SIMONE CARVALHO DE OLIVEIRA BOECHAT

BOECHAT, Simone Carvalho de Oliveira; **Documentário:** Gênero digital *fanfiction*: a construção de novas estratégias de ensino para a prática de leitura e escrita no Ensino Fundamental. Vitória: Ifes, 2016. 17min.

Produto final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Aprovado em 25 de novembro de 2016

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Fernanda Borges Ferreira de Araújo

Instituto Federal do Espírito Santo
Orientador


Prof. Dr. Etelvo Ramos Filho
Instituto Federal do Espírito Santo
Membro interno


Prof.ª Dr.ª Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli
Universidade Federal de Ouro Preto
Membro externo

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Declaro, para fins de pesquisa acadêmica, didática e técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e à autora.

Vitória, 25 de novembro de 2016.

Simone Carvalho de Oliveira Boechat

Simone Carvalho de Oliveira Boechat

Para Jeanson e Lucas, pela imensa paciência e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Sempre a Deus, “porque Dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas...” (Rom.11:36).

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio recebido para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Instituto Federal do Espírito Santo, pela estrutura acadêmica oferecida nesse tempo de formação.

Ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras); a todos os professores e professoras do programa.

À querida orientadora, professora Fernanda Borges Ferreira de Araújo, pela paciência, compreensão e disponibilidade; por estar sempre atenta às perguntas e por ter sabedoria nas respostas.

Aos meus queridos Jeanson Boechat e Lucas Oliveira Boechat, pela compreensão nos momentos de ausência.

Ao meu pai, Elcias Rodrigues de Oliveira, que não está mais entre nós, mas, enquanto ainda comigo, mostrou-me a importância do estudo.

A minha mãe, Doralice Carvalho de Oliveira, e minha irmã, Luiza Carvalho de Oliveira Boechat, por me incentivarem e sempre acreditarem que daria certo.

Às amigas Magda Simone Tiradentes e Jacimara Ribeiro Cardozo Merízio, pelas risadas e alegrias compartilhadas em meio a trabalhos e estudos.

À EEEFM Clotilde Rato, por me proporcionar momentos com os estudantes da oitava série, turma com a qual fiz a pesquisa; aos alunos, pelo acolhimento à proposta e, em especial, ao diretor Hélio Teixeira de Lima, pelo incentivo e apoio.

Aos amigos da turma do Profletras, pelo apoio, carinho e estudos partilhados.

Ao querido Rodolpho Breciane Adami, por contribuir imensamente para este trabalho e estar disponível a me ajudar com seu conhecimento sobre *fanfictions* e participar do documentário.

A Indiomara Machado Sant'Anna, por dar atenção e oferecer ajuda, ao indicar os caminhos a seguir, para conseguir a licença na Prefeitura Municipal de Vitória (PMV).

À Prefeitura Municipal de Vitória, especificamente à Secretaria de Educação do Município de Vitória, por me conceder licença com vencimento, sem a qual não haveria a possibilidade de fazer este curso.

Ler é entrar em outros mundos possíveis...

é tirar carta de cidadania no mundo...

(Délia Lerner)



RESUMO

Este trabalho visa demonstrar como o gênero digital *fanfiction* (história escrita por fã) pode ser um incentivador da leitura e da produção de texto nas aulas de português da 8.^a série do ensino fundamental. De modo geral, os estudantes gostam de estar conectados, fazendo uso das redes sociais e outras ferramentas tecnológicas para interagir e fazer pesquisas. Em plena era digital, a escola deve adaptar-se a um atual contexto de sala de aula e a um novo perfil de aluno. Wim Veen e Ben Wrakking (2009) utilizam a expressão *Homo Zappiens* para definir esse “novo” aluno, o estudante que é um nativo digital. Desse modo, é importante trazer esse universo para a sala de aula, por ser um meio de proporcionar práticas de ensino capazes de formar leitores e escritores numa “[...] concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos [...] vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto” (KOCH; ELIAS, 2014, p. 10). Na *fanfiction*, há a mistura de autor e leitor: o leitor lê a obra e interfere nela, tornando-se autor também, gerando, assim, um gênero híbrido, multimodal e metalinguístico: híbrido, por misturar a literatura com a cultura popular; multimodal, por muitas vezes o texto escrito vir acompanhado de áudio, vídeo e outras marcas de multimodalidade; metalinguístico, por pensarem e repensarem em como vão interferir na obra. O aluno, um nativo digital, poderá trabalhar com textos de que gosta, em um ambiente rico e de interesse deles, que é a internet. Sendo assim, a *fanfiction* pode alcançar os adolescentes do ensino fundamental e motivá-los à leitura e à escrita, visto que é um gênero em que os estudantes podem compartilhar saberes, trocar ideias e opiniões. Além disso, várias pessoas poderão ler, corrigir e modificar o texto produzido, fugindo da tradicional folha de papel, muitas vezes utilizada apenas para o professor ler, fazer anotações, às vezes incompreensíveis pelo aluno, e descartada depois, sem nenhuma releitura e reescrita do texto.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Gênero. *Fanfiction*. Internet.



ABSTRACT

This work aims at demonstrating how the digital *genre* 'fanfiction' (history written by fans) can motivate reading and text production in Portuguese classes in the 8th grade of elementary school. Students usually like being connected and use social networks as well as different technological tools to interact and research. In the age of technology, classroom contexts should be adapted to new learners. Wim Veen and Ben Wrakkig (2009) define these new learners as 'Homo Zappiens': digital native learners. Bringing this concept to classrooms is important because it is a way to teach such readers and writers in a perspective of "conceptual (dialogic) interactions, individuals [...] seen as social/ active actors who write texts and at the same time are written by the them" (KOCH& ELIAS, 2014, p. 10). Fanfiction mingles reader and author: the former reads and interacts with the text, becoming thus, the author. This process gives birth to a hybrid *genre* that is hybrid, multimodal and metalinguistic. It is hybrid because it mixes literature and popular culture. It is multimodal because it may include other technological tools, such as audio or video. It is metalinguistic because it is a way of having students think and rethink on how they will interact with texts. Digital native learners can interact with the texts they like and use a very rich environment: the internet. Fanfiction is a *genre* that provides students with the opportunity to share knowledge and exchange ideas and opinions. It also motivates reading and writing since texts can be read, re-read, corrected and modified by several readers. Finally, challenges the traditional paper-sheet correction in which teachers' marks are not always understood by learners in a process that gives no room for re-reading and re-writing.

Keywords: Reading. Writing. Genre. Fanfiction. Internet

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Como funciona o site.....	36
Figura 2 – Categorias para postar histórias no site	37
Figura 3 – Ordem alfabética das postagens no site	38
Figura 4 – Aulas de Português	39
Figura 5 – Liga dos betas	40
Figura 6 – Regras de envio	41
Figura 7 – Regras de envio (cont.)	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Questão 1: Você gosta de ler? Por quê?	52
Gráfico 2 – Questão 2: Existe algum livro de que você tenha gostado mais? Fale sobre ele	53
Gráfico 3 – Questão 4: Você gosta de escrever textos na escola? Por quê?.....	54
Gráfico 4 – Questão 5: O que você escreve fora da escola? Onde?	55
Gráfico 5 – Questão 7: Você é fã de algo ou alguém (livro, cantor, banda...)?	57
Gráfico 6 – Questão 8: Você ouviu falar sobre <i>fanfictions</i> ? Se sim, o que ouviu falar?	58
Gráfico 7 – Questão 9: Você acha que a internet pode ajudá-lo a escrever melhor?	58
Gráfico 8 – Questão 1: Depois de ter feito algumas aulas escrevendo <i>fanfictions</i> , você considera que elas o ajudaram a escrever? Por quê?	65
Gráfico 9 – Questão 2: Você gostou de escrever sobre algo de que era fã? Por quê?	66
Gráfico 10 – Questão 3: Várias pessoas podem ler suas histórias no site de <i>fanfictions</i> . Você gostou de postar suas histórias para outras pessoas lerem? Por quê?.....	67
Gráfico 11 – Questão 4: Você gostaria de continuar a escrever histórias no site de <i>fanfictions</i>	68

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	A ESCRITA E A LEITURA NA ESCOLA	20
2.1	DESAFIOS RELACIONADOS À ESCRITA.....	22
2.2	DESAFIOS RELACIONADOS À LEITURA.....	25
3	O HIPERTEXTO, A WEB 2.0 E A ESCOLA	28
4	GÊNEROS TEXTUAIS NO MUNDO REAL E VIRTUAL	31
5	CONTEXTUALIZANDO O GÊNERO DIGITAL <i>FANFICTION</i>	35
5.1	AS <i>FANFICTIONS</i> E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	43
5.2	O TEXTO NARRATIVO E AS <i>FANFICTIONS</i>	46
5.3	AS <i>FANFICTIONS</i> E A INDÚSTRIA CULTURAL.....	48
6	DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	51
6.1	ANÁLISE DE DADOS COLETADOS ANTERIORMENTE À APLICAÇÃO DA PROPOSTA.....	52
6.2	APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	59
6.3	ANÁLISES DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS APÓS A PROPOSTA DIDÁTICA DE INTERVENÇÃO.....	64
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS	71
	APÊNDICES	73
	APÊNDICE A – Carta aos pais ou responsáveis explicando o projeto.....	74
	APÊNDICE B – Termo para uso de imagem.....	75
	APÊNDICE C – Exemplo de termo preenchido.....	76
	APÊNDICE D – Questionário com perguntas sobre Leitura, produção de texto e sobre ser fã	77
	APÊNDICE E – Questionário par aos alunos que participaram do projeto sobre <i>fanfictions</i>	78
	ANEXOS	79
	ANEXO A – Exemplo de <i>fanfictions</i>	80
	ANEXO B – Produção de texto do aluno Luiz Guilherme.....	81
	ANEXO C – <i>Fanfiction</i> do aluno Luiz Guilherme.....	82
	ANEXO D – Produção de texto do aluno Wervegton.....	83

ANEXO E – *Fanfiction* do aluno Wevergton.....84

1 INTRODUÇÃO

No decorrer dos últimos anos, importantes evoluções ocorreram em nossa sociedade, entre as quais o desenvolvimento tecnológico e novas formas de pensamento sobre a prática pedagógica. No contexto escolar, muito se diz sobre a tarefa do professor de língua portuguesa: que é preciso ensinar gramática, redação e leitura, além de incentivar o estudante a ler, escrever e saber interpretar o que é lido. Os governos federal, estadual e municipal costumam promover formação para os professores sobre esses assuntos, por exemplo, “Pacto Nacional pela Alfabetização” e “Gestar II”¹. Além disso, há a realização de provas, com o objetivo de medir o nível de leitura e escrita dos alunos, como as avaliações Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo (PAEBS) e Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) do governo federal.

Entre as formações e as provas – que auxiliam o docente de língua portuguesa, revelando as dificuldades dos educandos e oferecendo um caminho para melhoria, de modo a incentivar uma leitura criativa e escrita proficiente –, existe um vazio muito grande. Infelizmente, ainda se observa, em nossas escolas, a falta de vontade de nossos alunos para realizar a leitura e a escrita.

Geralmente o aluno escreve apenas uma única redação e, quando escreve, é para cumprir uma atividade que valerá nota para aprovação ao final do trimestre ou bimestre. Ou então, o estudante realiza uma breve leitura se é necessário e obrigatório o preenchimento de fichas de leitura ou precisa apresentar algo que valha nota.

Desse modo, o espaço da sala de aula se perde, pois, quando há, de um lado, professores que querem incentivar a leitura e a escrita, há, do outro, alunos que não querem ou não aceitam o que lhes é ensinado ou o modo como lhes é ensinado.

¹ O Programa Gestão da Aprendizagem Escolar oferece formação continuada em língua portuguesa e matemática aos professores dos anos finais (do sexto ao nono ano) do ensino fundamental nas escolas públicas. A formação possui carga horária de 300 horas, sendo 120 horas presenciais e 180 horas a distância (estudos individuais) para cada área temática. O programa inclui discussões sobre questões prático-teóricas e busca contribuir para o aperfeiçoamento da autonomia do professor em sala de aula. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/gestar-ii>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

O professor deve revitalizar o espaço do diálogo na sala de aula, reestabelecendo uma relação de troca com os alunos, entre educador-aluno, aluno-aluno e aluno-sociedade. Para que o estudante, ao sair da escola, consiga agir com competência na comunidade onde vive e onde vai exercer a cidadania, deve-se considerar que “[...] é na sala de aula que os educadores de letramento² têm a oportunidade de trabalhar e contribuir para o desenvolvimento da maioria dos membros da sociedade” (BAZERMAN, 2011, p. 9).

Não se pode perder esse ambiente tão rico, que é a sala de aula, e o discente precisa saber ler e escrever com competência, a fim de mostrar não só que é preciso para realizar provas e exames ou ainda tirar a nota esperada pela escola, mas também que é agente daquilo que escolheu para ler e escrever.

Os educadores, ao encontrarem estudantes desinteressados em ler e escrever, devem pensar em meios que estimulem os alunos a fazer tais ações, para que eles levem o que aprenderam em sala para a sua vida, ou melhor, que o que está na escola seja continuidade de sua vida. Nesse sentido, Geraldi (2014, p. 128) esclarece:

[...] na escola não se produzem textos em que um sujeito diz sua palavra, mas simula-se uso da modalidade escrita, para que o aluno se exercite no uso da escrita, preparando-se para de fato usá-la no futuro. É a velha história da preparação para a vida, encarando-se o hoje como não vida. É o exercício.

Realizar o que Geraldi (2014) sugere, muitas vezes, é desconstruir em nós, professores, maneiras de ensinar arraigadas pelo tempo e pelo medo de errar, por isso praticamos as mesmas ações e atitudes, mesmo sabendo que elas não dão certo.

Sendo assim, torna-se necessário lutar para que o ensino de leitura e de escrita ganhe significado, ganhe renovação, no sentido não só de inovar por inovar, porque é mais “bonito”, mas também de trazer para a escola possibilidades que verdadeiramente contribuam para que o aluno se desenvolva plenamente como cidadão, tornando a leitura e a escrita práticas corriqueiras de seu mundo, de sua sociedade. Entretanto, surge a pergunta: como fazer isso?

² O letramento tem como propósito apresentar aos alunos as práticas formadas culturalmente de fazer-sentido no texto e de textos. Nas escolas, são ensinadas às crianças tanto ferramentas particulares de coleta de informações e de reconstrução de ideias dos textos, quanto formas de interpretação e engajamento literários (BAZERMAN, 2011, p. 129).

Usar a tecnologia em sala de aula pode ser uma maneira de atrair nossos educandos, já que o aluno do ensino fundamental gosta de estar conectado às redes sociais, para interagir com colegas e amigos, além de usar ferramentas tecnológicas para pesquisas, o que é muito válido hoje em dia. Contudo, estar conectado o tempo todo em sala de aula pode acabar atrapalhando o professor e o andamento da aula. Por isso, algumas escolas proíbem o uso de qualquer aparelho eletrônico em suas dependências e coíbem o uso da internet, restringindo o acesso a determinados sites. Todavia, pode-se pensar que, em vez de impedir esses instrumentos, por que não trazer para dentro do contexto escolar esse universo que é tão atraente? Por que não aproveitar o momento e os recursos disponíveis para enriquecer o conteúdo, valer-se desses expedientes e usá-los em favor do aluno, do aprendizado, propondo-lhe meios de melhorar sua leitura e produção de texto?

Portanto, no intuito de contribuir para o ensino da língua portuguesa usando as ferramentas tecnológicas de que dispomos, a proposta deste trabalho é investigar como as *fanfictions* podem promover o desenvolvimento das competências exigidas, para que o aluno aprimore a leitura e a produção de texto no ensino fundamental, além de perceber se esse gênero pode proporcionar práticas de ensino capazes de desenvolver leitores e escritores ativos, criativos.

E por que a escolha desse gênero? Na *fanfiction*, gênero exclusivo da internet, há a mistura de autor e leitor, “[...] Seus escritores hibridizam ‘o discurso do autor e do sujeito’ quando a estória é recontada, reescrita, movendo-se para além do que foi dado” (AZZARI; CUSTÓDIO, 2013, p. 75). Os autores das *fanfictions* passam de leitores a produtores de textos, gerando um gênero híbrido, multimodal e metalinguístico: híbrido, por misturar a literatura com a cultura popular; multimodal, por muitas vezes o texto escrito vir acompanhado de áudio, vídeo e outras marcas de multimodalidade; e metalinguístico, pois os escritores desse gênero pensam e repensam como vão interferir na obra.

Procurando adaptar-se a essas novas oportunidades (os possíveis usos da internet), a escola passa a aceitar um novo perfil de aluno. Wim Veen e Ben Wrakking (2009) utilizam a expressão *Homo Zappiens* para definir esse “novo” aluno, o estudante que é um nativo digital. Observemos a pesquisa feita pela União Internacional das

Telecomunicações, órgão da ONU: “O Brasil é o país que possui a quarta maior população do mundo de ‘nativos digitais’, jovens que cresceram acompanhando de perto a expansão da internet e estão acostumados às muitas mudanças trazidas pela web” (2013).³

De um lado está o estudante, com suas inúmeras alternativas de comunicação e interação, e, de outro, os professores procurando meios de sobreviver a essa nova realidade. Muitos docentes resistem em usar a *web* como ferramenta de aprendizagem, muitas vezes por não saber como empregá-la ou por que a escola não dispõe de equipamentos para esse fim. Vale a pena, então, usar as mídias para incentivar o aluno em algumas tarefas escolares, tais como ler e produzir textos.

Sendo assim, a *fanfiction*, ficção criada por fãs por meio da internet, poderá ter um alcance maior em meio aos adolescentes do ensino fundamental, motivando-os à leitura e à escrita, visto que é um gênero pelo qual os alunos podem compartilhar saberes, trocar ideias e opiniões. Além disso, o texto produzido poderá ser lido, corrigido e modificado por várias pessoas, fugindo da tradicional folha de papel, muitas vezes utilizada apenas para o professor ler, fazer anotações, às vezes incompreensíveis pelo aluno, e descartada depois, sem nenhuma releitura e reescrita do texto.

A pesquisa será realizada em uma escola da rede estadual da Serra, Espírito Santo, com alunos da 8.^a série, com o objetivo de verificar se a utilização das *fanfictions* em sala de aula proporcionará aos educandos a oportunidade de ler e escrever com mais habilidade e competência, uma vez que se trata de um ambiente natural para eles, o computador e a internet.

A fim de alcançar o objetivo descrito acima, além da introdução, no capítulo 2 desta pesquisa constam A escrita e a leitura na escola, dos desafios relacionados ao ensino da escrita e da leitura em sala de aula; nesse mesmo capítulo, observaremos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) tratam esse assunto.

³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/10/brasil-possui-4-maior-populacao-de-nativos-digitais-do-mundo-diz-onu.html>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Já no capítulo 3, O hipertexto, a WEB 2.0 e a Escola, veremos a importância do hipertexto para o mundo atual, o advento da WEB 2.0, na qual podemos inserir o que pensamos e compartilhar saberes na rede de computadores, bem como na escola, que está inserida nesse universo e como ela pode se valer dessas realidades.

No capítulo 4, Gêneros textuais no mundo real e virtual – caminhos para a escrita, observaremos como os gêneros textuais fazem parte de nossa vida e como eles dão sustentação a nossa linguagem.

No capítulo 5, Contextualizando o gênero digital *fanfiction*, mostraremos como esse gênero pode ser usado nas aulas de língua portuguesa, como se estrutura na tipologia textual narrativa e como é a relação entre indústria cultural e *fanfictions*.

No capítulo 6, Descrição metodológica da proposta de intervenção, explicitaremos como se realizou cada etapa da metodologia empregada com os alunos e como ocorreu a análise de dados da pesquisa realizada antes da aplicação da proposta.

Vale ressaltar que a proposta de trabalhar a leitura e a produção de texto com base na *fanfiction* será apresentada por meio de um documentário (produto educacional final), no qual é relatado o passo a passo da aplicação das aulas, bem como a interação dos estudantes e entrevistas com os alunos⁴.

⁴ Todas as entrevistas e direitos de imagem foram devidamente autorizados pelos responsáveis dos alunos (APÊNDICES A, B e C).

2 A ESCRITA E A LEITURA NA ESCOLA

Sobre escrita e leitura na escola, é importante recorrermos aos PCNs, uma vez que eles têm o propósito de nortear o trabalho dos professores no Brasil.

O PCN de Língua portuguesa propõe alguns objetivos para o trabalho em sala de aula, a saber:

No processo de ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.

Para isso, a escola deverá organizar um conjunto de atividades que, progressivamente, possibilite ao aluno:

Utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso (BRASIL, 1998, p. 32).

O estudante deve compreender a importância da leitura e da escrita como ações para que ele se integre com capacidade de atuação na sociedade. A escola tem o papel de possibilitar a esse educando meios para que ele, de forma contínua e organizada, vá se apropriando de instrumentos cada vez mais elaborados de leitura e escrita.

Para conseguir tal objetivo, o PCN de Língua Portuguesa traz o texto como objeto de ensino: “[...] o texto como unidade e diversidade de gêneros” (BRASIL, 1998, p. 22). Assim, devem-se deixar práticas que costumavam tomar como unidades básicas questões gramaticais desvinculadas totalmente do texto do qual saíram, ou tratar de assuntos que nada contribuem para que o educando saiba o que é o todo (texto), como se familiarizar com ele e como atuar usando-o. O PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 23) expõe ainda:

Atualmente exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo atrás – e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. [...] A necessidade de atender a essa demanda, obriga à revisão substantiva dos métodos de ensino e à constituição de práticas que possibilitem ao aluno ampliar sua competência discursiva na interlocução.

Nessa perspectiva, não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que, descontextualizados, são

normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto.

O texto passa a ser o começo e o fim (também finalidade) do ensino de Língua Portuguesa e deve-se também tomar como base os diversos gêneros presentes na sociedade. O PCN (BRASIL, 1998, p. 24) elucida esse fato:

A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social.

Desse modo, precisa-se tomar uma nova direção, afastar-se de um ensino que privilegie somente a nomenclatura e o decorar regras gramaticais para um ensino em que se privilegie a atuação do estudante sobre o texto, tanto na leitura como na escrita. O texto que já possuía uma importância social muito grande, agora passa a ter um valor maior dentro da escola.

O estudante se torna “sujeito ativo” de todo processo de leitura e escrita. A atividade dele vai muito além de decodificar e decifrar as palavras, e o discente deve ser visto como pessoa que se constrói por meio do contato com os textos, conforme afirmam Kock e Elias (2014, p. 10),

[...] na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores.

Adotar como base o texto, os gêneros e o desenvolvimento de sujeitos ativos que se constroem por meio da escrita e da leitura proporcionará ao professor dessa disciplina formas e métodos que possibilitarão maior aprendizado de seus alunos.

Deve-se pensar, porém, no fato de que, passando de um modo de ensinar – ensinar com base na gramática – para outro – com base nos textos e gêneros –, podemos correr o risco de fazer o mesmo que já fazíamos e tornar o ensino, por meio dos gêneros, extremamente formal.

Explicando melhor o que foi dito acima, Bazerman (2011, p. 10) nos alerta sobre esse perigo:

Às vezes, contudo, o ensino de gêneros pode ser visto somente como uma pedagogia formal, preocupada apenas com formas linguísticas. Quando abordado como uma disciplina puramente formal, o ensino de gêneros evoca todos os problemas de motivação, aplicação e transferência que surgem quando se tenta ensinar um assunto a alguém, sem considerar o interesse, o envolvimento, a experiência e a atividade dessa pessoa. O ensino de uma disciplina abstrata, separada de usos, pode parecer uma subjugação a sistema de ordem impostos, em vez de ser a provisão de ferramentas úteis para a vida que os estudantes podem adquirir para seus propósitos pessoais. Para os estudantes uma aprendizagem puramente formal pode parecer ‘o que as autoridades insistem que eu devo fazer, não o que faz sentido para mim – a não ser para me ajudar a me formar com as credenciais respeitadas’.

O ensino baseado nos gêneros textuais deve levar em conta o que os alunos já sabem para extrapolar e ensinar-lhes novas possibilidades de comunicação e agência na sociedade onde vivem. “Esse caráter dinâmico, interativo e agentivo do uso dos gêneros escritos significa que no centro de nossa teoria devem estar pessoas que querem realizar coisas através da escrita em um mundo em mudança” (BAZERMAN, 2011, p. 10-11).

2.1 DESAFIOS RELACIONADOS À ESCRITA

Geralmente, as escolas têm um espaço separado para ensinar produção de texto. Comumente, das cinco aulas de que o professor de língua portuguesa dispõe, uma é para o ensino de redação: ensinam-se técnicas de redação, corrigem-se geralmente os erros de ortografia, de acentuação, coesão e coerência. As outras quatro aulas são usadas para a interpretação de texto e ensino da gramática.

Esse é o retrato da maioria de nossas escolas do ensino fundamental no que concerne à atividade de produção de texto. Percebe-se um ensino de escrita totalmente desvinculado da realidade do aluno. As aulas servem mais para que o professor reconheça os erros dos alunos, e não seus acertos, nem muito menos para observar sobre o que gostariam de escrever e para quais interlocutores.

Constantemente, nessas aulas não há espaço para o diálogo, para a interação, para a troca de ideias e, muitas vezes, cai-se no famoso “*tô sem inspiração, professora*”. “Outro equívoco é que o texto é apresentado com uma aura mítica. Um dos muitos, talvez o mais corriqueiro, sugere que o indivíduo deve ter talento especial para escrever” (PASSARELLI, 2006, p. 9).

Quando o professor usa as aulas de produção de texto para somente marcar os erros dos alunos, corrigi-los e atribuir-lhes nota, o estudante sente que deve escrever para agradá-lo, para tirar nota boa e para atender às expectativas do educador. Ou seja, o estudante não compreende o real valor da escrita.

Sobre o fato de muitos professores observarem somente os “erros” de escrita, o que acentua maior preocupação do aluno com a nota, Bazerman (2011, p. 15) ressalta:

É esperado que os alunos demonstrem habilidade e competência crescentes na escrita. A correção e avaliação formam em grande parte, as respostas dos instrutores às leituras dos trabalhos dos alunos. As notas podem assumir um papel muito grande nas motivações para a escrita dos alunos. Os alunos aprendem desde cedo que a função primária da maior parte da escrita escolar é demonstrar suas habilidades na escrita, o que também significa expor suas fraquezas. O medo da caneta vermelha indicando falhas, erros ou desempenho inadequado pode contaminar as tarefas de escrita escolar e os alunos podem limitar suas ambições relativas à escrita para minimizar os riscos da correção.

Por isso, as velhas e famigeradas perguntas – “quantas linhas, professor?”; “É para nota?” – porque, se não for, muito provavelmente o aluno não vai preocupar-se em escrever algo com cuidado. Lerner (2002, p. 28) argumenta que o desafio da escola é mostrar ao educando que a produção de texto não serve apenas para a nota, mas que o texto é um objeto de ensino que precisa ser tratado como tal:

O desafio é conseguir que a escrita deixe de ser na escola somente um objeto de avaliação, para se constituir num objeto de ensino; é tornar possível que todos os alunos se apropriem da escrita e a ponham em prática, sabendo – por experiência, não por transmissão verbal – que é um longo e complexo processo constituído por operações recorrentes de planejamento, textualização e revisão. É assim que se irá abrindo o caminho para que este conhecimento deixe de ser patrimônio exclusivo de alguns privilegiados que têm a oportunidade de adquiri-lo fora da escola, enquanto outros continuam acreditando no que a apresentação escolar da escrita leva a crer: que é possível produzir um texto quando começa a aula e terminá-lo quando bate a sineta; que é possível começar a escrever no momento mesmo em que foi definido o tema que será objeto do texto; que a escrita foi concluída quando se pôs o ponto final na primeira versão; que corresponde a outra pessoa, não o autor – se encarregar da revisão.

É exatamente pensando em mudar esse quadro que acreditamos que o gênero *fanfiction* pode proporcionar o gosto pela escrita, visto que os alunos escreverão dentro de um universo no qual não haverá tanta pressão pelo acerto; haverá motivação, pois vão escrever sobre o que gostam, para pessoas com os mesmos interesses e em um ambiente no qual outras pessoas vão ler, apreciar, compartilhar e

também comentar; enfim, vão interagir com um primeiro propósito de ler por prazer e, em decorrência disso, sugerir fatos e melhorias.

Para Bazerman (2011, p. 16-17), a interação é muito importante no momento da escrita:

Uma visão interacional de gênero pode nos ajudar a expandir nossa pedagogia para fazer com que mais tipos de escrita se tornem mais significativos para nossos alunos, proporcionando mais motivação na escolarização e abrindo a porta para uma vida de escrita.

Se o texto não for tratado com a devida importância que possui, continuaremos vendo alunos que não sentem vontade de escrever, para os quais a aula de produção de texto é maçante e massacrante, já que, diante do papel em branco, a maioria deles tem receio de errar e de não saber o que redigir e porque acreditam que não têm o que dizer. Talvez por isso, quando escrevem, muitas vezes não vemos boas produções no que tange à criatividade, nas quais não percebemos os alunos como agentes, como aqueles que dialogam e querem ser lidos.

O propósito das aulas de produção de texto é o desenvolvimento de escritores que tenham o que dizer e para quem dizer, estudantes que percebam que as aulas de redação os instigam a comunicar o que desejam, aulas que levem o aluno a querer escrever para se comunicar, para dizer quem ele é e para atuar em sua sociedade através da escrita. Assim, segundo Lerner (2002, p. 28-29):

O desafio é promover a descoberta e a utilização da escrita como instrumento de reflexão sobre o próprio pensamento, como recurso insubstituível para organizar e reorganizar o próprio conhecimento, em vez de manter os alunos na crença de que a escrita é somente um meio para reproduzir passivamente, ou para resumir – mas sem reinterpretar – o pensamento de outros.

Desse modo, utilizar as *fanfictions* como ponto de partida, a fim de mostrar o próprio pensamento e saber o que o outro pensa sobre sua história, estimulará os alunos a escrever com mais propriedade e motivação. “Eles verão a escrita como meio de agência em um mundo que está perto o bastante para observar, mas grande o bastante para ampliar sua visão” (BAZERMAN, 2011, p. 19).

2.2 DESAFIOS RELACIONADOS À LEITURA

Ainda hoje, nas salas de aula do ensino fundamental, o que se tem observado é que o aluno, muitas vezes, lê porque o professor exige, porque o professor vai dar nota, enfim, porque é obrigado, como dissemos anteriormente. Geralmente o que se vê é o desinteresse dos alunos pelas obras que os professores querem que eles leiam, na maioria clássicos da nossa literatura que, embora sejam obras-primas, os alunos, por vezes não apreciam como deveriam, talvez pelo fato de não terem tido mesmo um incentivo maior e/ou o hábito da leitura; além do mais, em muitas ocasiões, eles têm que preencher intermináveis fichas de perguntas sobre o livro e resumir a obra em algumas páginas, o que torna a leitura um meio para alcançar um propósito, e não um fim por si só.

Sobre a prática de pedir que os estudantes leiam obras de autores renomados, autores que, de certo modo, passaram por um crivo avaliativo que foi positivo, há, no imaginário das pessoas, dos pais, dos professores, a cultura arraigada da Grande Literatura, como diz Abreu (2004, p. 40, grifo da autora):

[...] recorre-se à adjetivação do substantivo literatura, criando o conceito de *Grande Literatura* ou de *Alta Literatura* ou de *Literatura Erudita* – sempre com maiúsculas – para abrigar aqueles textos que interessam, separando-os dos *outros* textos em que também se encontram características literárias, mas que não se quer valorizar. Para esses reservam-se outras expressões, também adjetivadas: *literatura popular*, *literatura infantil*, *literatura feminina*...

Como se não houvesse mais nada por que o educando pudesse se interessar, como se ele próprio não conseguisse tomar a atitude de escolher um livro livremente. Porém, o que se vê é o interesse de que o aluno leia os grandes autores da literatura brasileira e da literatura universal.

E, na tentativa de tornar interessantes essas obras para os alunos, o professor cria inúmeras formas, projetos que tornem mais “palatável” o texto para o aluno. Lajolo (2010, p. 14) afirma que o professor, praticando essa ação, cai em uma emboscada:

As propostas transformam-se em armadilha quando patrocinam discussões das quais se sai com as técnicas debaixo do braço e confiante na terapêutica. Técnicas milagrosas para convívio harmonioso com o texto não existem, e as que assim se proclamam são mistificadoras, pois estabelecem uma harmonia só aparente, mantendo intacto – quando já instalado – o desencontro entre leitor e texto.

Por que não olhar a leitura de outro modo, com o olhar de Ana Maria Machado (2011, p. 17), por exemplo, em seu livro *Silenciosa Algazarra, reflexões sobre livros e práticas de leitura*? A escritora argumenta:

Por isso, passei a fazer a comparação que não me canso de repetir. Ler é como namorar. Muito gostoso. Quem acha que não gosta é porque ainda não encontrou seu par. Deixe aquele de lado e experimente outro, e mais outro, até sentir prazer, deixando-se levar pelas novas delícias descobertas e exploradas. Mas as coisas ficam difíceis quando os livros são apresentados aos leitores como dever e obrigação por adultos de tocaia, à espreita, preparados para depois fazer montes de perguntas e cobranças e que não descobriram, eles mesmos, as alegrias e emoções da leitura. Nesse caso, as crianças ficam na defensiva. Paralelamente, para racionalizar, se desculpar e tirar a culpa dos próprios ombros, tais adultos começam então a desenvolver uma série de explicações mambembes que se transformam nas mais mirabolantes hipóteses. Todas contribuem para lançar dúvidas sobre a importância da leitura e insinuar que ler literatura não faz mais sentido hoje em dia.

Na maioria das vezes, a escola não dá chance para que o aluno sinta o que é descrito por Ana Maria Machado. Parece haver o pensamento de que o estudante não tem muito interesse em leitura e não leria sozinho se não fosse à escola. Essa visão do aluno-leitor está arraigada em nossa cultura: o aluno é visto no grau zero e o professor no grau 10 em termos de leitura. Como se não pudesse partir daquilo que o aluno lê ou, pelo menos, tem vontade de ler (ORLANDI, 2012).

Possivelmente, o que os estudantes escolherão para ler serão obras que estão na mídia, aquelas que as livrarias estão vendendo e vendendo muito. Já é um bom começo, visto que é importante considerar o que eles gostam de ler, para que assim se crie neles “musculatura mental” para outros livros. Escolher a obra que se quer ler já é um grande passo para que ele “tome gosto” pela leitura, como afirma Lajolo (2010, p. 108):

É importante frisar que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais de aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária [...].

Nesse sentido, as *fanfictions* podem atrair o estudante que não está acostumado com a leitura nem tem muito interesse por ela, visto que passará a ler histórias de colegas no site, na tela do computador, lendo narrativas sobre alguém de quem gosta muito, de quem é fã, por exemplo. Desse modo, a leitura para o educando, que não está acostumado com livros em seu dia a dia, virá da internet, podendo, assim, levá-lo a

se interessar em ler não apenas no ambiente virtual, mas também por meio dos livros de “papel” apresentados no site pesquisado.

3 O HIPERTEXTO, A WEB 2.0 E A ESCOLA

No século XXI, além do texto impresso em livros, jornais e revistas, há, conforme já citado, o texto na tela do computador. Esses textos disponíveis na internet recebem o nome de hipertexto.

O hipertexto pode ser entendido como um texto exclusivamente virtual que possui como elemento central a presença de links. Esses links, que podem ser palavras, imagens, ícones etc., remetem o leitor a outros textos, permitindo percursos diferentes de leitura e de construção de sentidos a partir do que for acessado e, conseqüentemente, pressupõe certa autonomia de escolha dos textos a serem alcançados através dos links. É um texto que se atualiza ou se realiza, se concretiza, quando clicado, isto é, quando percorrido pela seleção dos links (GOMES, 2011, p. 15).

Assim, muda-se radicalmente o poder de escolha dos que leem o hipertexto, uma vez que os leitores têm mais autonomia sobre o que querem ler: basta clicar em um *link*, que muda a página, o texto. De acordo com Gomes (2011, p. 13-14):

[...] Tudo isso num visual diferente, que ultrapassa os limites do que chamamos de redação e entra no campo do design, da programação visual. E não podemos deixar de pensar nos links, elementos fundamentais e necessários para a realização da leitura e da própria navegação nos ambientes digitais.

A possibilidade que se tem, ao clicar em um *link*, não gostar, sair dele e ir para outro *link*, produz nos usuários da internet liberdade para escolherem o que veem, leem e ouvem; muitas vezes, modificam o texto que estão lendo, propõem mudanças, acessam fóruns de discussão e dão sua opinião ou acessam *blogs* e comentam o que está escrito. Para tratar da possibilidade de editar o conteúdo na WEB, Xavier (2013, p. 39) ressalta que

[...] dois conceitos são fundamentais: a permutabilidade e a potencialidade. O primeiro refere-se à liberdade ilimitada para editar o conteúdo, manuseá-lo e refazê-lo completamente. A permutabilidade exige alta flexibilidade tecnológica dos atuais programas de computador para se adaptar a essa nova atmosfera do 'faça você mesmo virtual'. Sentindo-se agora protagonistas, não mais coadjuvantes, das tramas virtuais, os usuários envolvem-se mais e constroem coletivamente o 'enredo' sem fim predeterminado por um único narrador. A realidade virtual é ratificada em programas simples e experimentada por pessoas sem grandes conhecimentos em computação.

O usuário da internet só pode fazer-se mais presente, deixando de ser um usuário passivo, com o advento da WEB 2.0, segunda geração da internet: "A Web 2.0 muda o fluxo de comunicação e, em tese, acaba com a cisão produtores/leitores, possibilitando que todos publiquem na rede e exerçam simultaneamente os dois

papéis, originando o que Rojo (2013) denomina de "lautor" (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 119).

As redes sociais *facebook*, *twitter*, *instagram* permitem que seu usuário publique textos e/ou poste fotos; da mesma forma, o *youtube* permite publicação de vídeos, os quais as pessoas podem acessar, comentar e compartilhar. De leitores para produtores, "[...] seus usuários não apenas surfam sobre o conteúdo como também o supervisionam, produzem-no e alimentam frequentemente os sítios digitais. Eles fazem revisões, críticas e complementações" (XAVIER, 2013, p. 15).

Como se percebe, a sociedade contemporânea faz uso da internet de diversas maneiras: os cidadãos a usam em seus trabalhos, mandando e-mail, por exemplo, ou em seu lazer, para conhecer pessoas; empresas em suas negociações; a dona de casa para encontrar uma receita ou simplesmente uma solução para tirar manchas; outros para divulgar imóveis ou objetos que querem vender. Enfim, a internet oferece inúmeras possibilidades.

Observemos o que Chartier (1999, p. 100-101) afirma sobre o que o texto na internet traz de novo em sua configuração:

Se abrem possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais.

Na escola não é diferente. Nesse ambiente, a tecnologia também é usada, aliás, os alunos já vão para a unidade escolar sabendo como usar a internet, como acessá-la para entrar em redes sociais, para postar um vídeo, para tirar uma foto da atividade que deverão fazer em casa; enviam por e-mail o trabalho para o professor. O educador também faz uso da tecnologia, muitas vezes, porém, de maneira periférica, ministrando as mesmas aulas, mas com um toque de modernidade, ou seja, fica-se apenas na superficialidade.

Os professores, em geral, ainda estão utilizando as tecnologias para ilustrar aquilo que já vinham fazendo, para tornar as aulas mais interessantes. Mas

ainda falta o domínio técnico-pedagógico que lhes permitirá, nos próximos anos, modificar e inovar os processos de ensino e aprendizagem (MORAN, 2016, p. 1).

As novas tecnologias vêm como uma avalanche e não podem ser aplacadas. É importante que o educador saiba como lidar com todas essas novas questões que demandam um olhar cuidadoso e crítico, ficando atento para não cair na armadilha de ficar apenas no “oba-oba” da tecnologia, e não usá-la com propriedade para o ensino dos alunos.

Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A Internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode ajudar-nos a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender (MORAN, 2016, p. 3).

4 GÊNEROS TEXTUAIS NO MUNDO REAL E VIRTUAL

Há diversas formas de escrever, dizer, expressar se comunicar. O ser humano sempre procurou maneiras de se fazer entender, desde as pinturas rupestres. E até hoje, no meio digital, buscamos sempre modos diferentes de nos expressarmos.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua (BAKHTIN, 2011, p. 261).

Quanto mais diferenciadas as atividades culturais do ser humano, tanto mais diferenciada será sua capacidade de produzir gêneros textuais que darão sustentação à linguagem humana.

Quando escrevemos um e-mail, uma peça teatral ou simplesmente falamos ao celular, lançamos mão de gêneros textuais com intuito de estabelecer uma interlocução.

Nesse sentido, Bakhtin (2011, p. 262) afirma:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

E Bazerman (2011, p. 23) completa:

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar.

Portanto, não se pode pensar em linguagem, em comunicação humana, sem pensarmos em gêneros do discurso.

Os educadores brasileiros, de certa forma, apropriaram-se desse modo de pensar a linguagem. Desde a criação dos PCNs de Língua Portuguesa, o uso dos gêneros em sala de aula fez que os livros didáticos incluíssem, cada vez mais, os diversos gêneros em seus conteúdos.

Para Marcuschi (2005, p. 206), porém, os PCNs engessam um pouco os gêneros textuais, procurando apontar os gêneros mais importantes de ensinar na escola, mostrando que há gêneros mais ajustados para a leitura e outros para a escrita: “[...] parece que há gêneros mais adequados para a produção e outros mais adequados para a leitura, pois tudo indica que em certos casos somos confrontados apenas com o consumo receptivo e em outros casos temos que produzir texto”.

Escolher certos gêneros e tratá-los como mais importantes é temerário; somente tratar de alguns, considerando que determinados serão mais significantes, é desperdiçar a imensa gama de gêneros que possuímos. Desse modo, os alunos deixarão de ver inúmeros outros gêneros que podem contribuir em sua formação, uma vez que dessa forma se desconsidera a “[...] riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso” (BAKTHIN, 2011, p. 262).

Ao tratar o tema, Bazerman (2011, p. 30) expõe:

De forma similar, os gêneros que atuam na sala de aula são mais do que uma repetição ritual de proposições padronizadas. Se eles falham em ser mais do que isso, é porque nós esvaziamos de tal forma o sentido da atividade de sala de aula, que as produções genéricas se tornam meros exercícios formais. Cabe a nós professores, ativarmos o dinamismo da sala de aula de forma a manter vivos, nas ações significativas de comunicação escolar, os gêneros que solicitamos aos nossos alunos produzirem. Isso pode ser feito, tomando-se como base a experiência prévia dos alunos com os gêneros, e situações sociais que eles consideram significativas, ou explorando o desejo dos alunos de envolverem em situações discursivas novas e particulares, ou ainda tornando vital para o interesse dos alunos o terreno discursivo que queremos convidá-los a explorar [...] de modo que os alunos considerem apropriado o que estão fazendo na sala de aula.

Ensinar língua portuguesa a partir da perspectiva dos gêneros textuais significa atentar para o fato de que os alunos estão inseridos em um momento histórico. Os textos que leem e ouvem, as suas amizades, tudo que cerca o estudante é levado com ele para o ambiente escolar. Trabalhar com gêneros é aceitar esse aluno que participa do processo histórico no qual se encontra. De acordo com Bazerman (2011), devem-se usar os gêneros como auxílio para saber o que eles carregam consigo, o que os educandos já sabem, e também para extrapolar, mostrar outros gêneros, outros caminhos, outros territórios a que não estão acostumados, mas que podem levá-los a participar mais ativamente da vida e do contexto em que estão inseridos.

Considerando que os diversos gêneros fazem parte do dia a dia de todos os indivíduos, não há como deixar de lado os gêneros digitais, isto é, aqueles que estão inseridos no meio virtual.

De acordo com Marchuschi (2005, p. 200), a relevância de tratar esses gêneros textuais reside em pelo menos quatro aspectos:

São gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com uso cada vez mais generalizado.

Apresentam particularidades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios.

Oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade.

Mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la.

Assim, existe a urgência de trabalhar, na escola, os gêneros digitais. Os alunos possuem e-mail, contas no *facebook*, *twitter* e várias outras possibilidades virtuais, por meio das quais eles interagem constantemente com outras pessoas.

Desse modo, vários outros gêneros foram surgindo no ambiente virtual. A escrita colaborativa, por meio da tecnologia *Wiki*, por exemplo, põe em contato pessoas que podem até não se conhecer pessoalmente, mas que, no ambiente virtual, atuam juntas criando textos; as *fanfictions*, um gênero puramente da internet, no qual a pessoa pode escrever sobre algo de que gosta, como bandas, livros, séries. Percebemos, em ambos os gêneros, a participação ativa de outras pessoas, como ressalta Jenkins (2009, p. 251):

Na sala de aula, o andaime é fornecido pelo professor. Numa cultura participativa, a comunidade inteira assume uma parte da responsabilidade em ajudar os iniciantes na Internet. Muitos jovens autores começaram a redigir histórias sozinhos, como uma reação espontânea a uma cultura popular. Para esses jovens escritores, o próximo passo foi a descoberta da *fanfiction* na Internet, que forneceu modelos alternativos do que significa ser autor. No início, eles talvez apenas lessem as histórias, mas as comunidades fornecem estímulos para que os leitores atravessem o último patamar para a redação e apresentação de suas próprias histórias. E depois que um fã apresenta uma história, o feedback que recebe o inspira a escrever mais e melhor.

O trabalho em sala de aula com *fanfictions*, além de proporcionar o conhecimento de gênero ao aluno, propicia a oportunidade de fazer o aluno sentir-se incluído em uma

comunidade com pessoas de mesmo interesse, que poderão compartilhar com o ele saberes e conhecimentos.

E ainda, como frisa Bazerman (2011, p. 34),

[...] uma vez que os alunos se sintam parte da vida de um gênero, qualquer um que atraia a sua atenção, o trabalho duro e detalhista de escrever se torna irresistivelmente real, pois o trabalho traz uma recompensa real quando engajado em atividades que os alunos consideram importantes.

Além de fazer parte de uma comunidade e escrever sobre o que ou quem se gosta, os educandos escreverão de modo a serem entendidos e trabalharão com afinco, preocupando-se com sua escrita, pois eles considerarão uma atividade importante e prazerosa.

5 CONTEXTUALIZANDO O GÊNERO DIGITAL *FANFICTION*

Fanfiction ou *fanfic* (termo abreviado) são histórias escritas por fãs, com base em livros, quadrinhos, bandas, séries de TV, enfim, tudo o que está na mídia pode ser “alvo” de uma *fanfiction*.

Os jovens navegadores da internet que possuem a característica de ser, mais do que consumidores, verdadeiros fãs de textos produzidos pela indústria cultural e divulgados pelos meios de comunicação de massa realizaram a transposição para a rede de uma prática de leitura e escrita que é desenvolvida tendo como base os originais por eles apreciados. Trata-se da *fanfiction* [...] que dá a esses fãs-navegadores-consumidores a oportunidade de se constituir em fãs-navegadores-autores.

A produção da *fanfiction* começou justamente pela iniciativa de fãs que sentiam necessidade de estender o contato com o universo ficcional por eles apreciado para além do material disponível, como o capítulo semanal de um seriado televisivo. O termo resulta, portanto, da fusão de duas palavras da língua inglesa, fan e fiction, e designa uma história fictícia, derivada de um determinado trabalho ficcional preexistente, escrita por um fã daquele original (VARGAS, 2015, p. 20-21).

Por exemplo: o leitor se interessa por uma obra, gosta do que lê e quer dar continuidade à história. Ou então não gostou do modo como certo personagem foi tratado pelo autor e quer mudar seu destino. Há um espaço na internet para isso: existem sites nos quais as pessoas podem escrever interferindo na obra. Há uma mistura entre autor e leitor, o leitor deixa de ser apenas aquele que lê, para se tornar também aquele que intervém na obra.

Os *ficwriters*, escritores de *fanfictions*, relatam que a escrita se torna prazerosa. Ao dar continuidade a uma história da qual eles gostam muito, acabam por se sentir participantes de um lugar que, até bem pouco tempo, era só para alguns, o lugar de escritor.

Carvalho (2012, p. 184), explica esse fato:

São motivados porque o mundo do texto lido não lhes parece suficiente [...] é possível dar continuidade às histórias, é possível ser lido por outros leitores dos mesmos livros, fãs da mesma obra. São escritas prazerosas; alguns afirmam que podem acabar se tornando um vício ou uma iniciação ao mundo dos autores, não destes que publicam seus escritos apenas virtualmente, mas autores de impressos, de livros impressos.

Assim, para melhor apresentação, contextualizaremos a seguir o universo das *fanfictions* e os elementos que o constituem. Para tal, utilizaremos, como exemplo, o site *Nyah!Fanfiction*.

Na figura 1, o site *Nyah!Fanfiction* é apresentado e nele observamos que há a explicação de como funciona o site e qual o uso que se deve fazer dele: escrever histórias baseando-se em outras obras já existentes; reunir fãs das mais variadas mídias e motivar os usuários a libertar seu lado criativo escrevendo histórias. Percebemos que o site deixa claro que o uso é gratuito e o participante não paga nada para ler nem para postar sua história.

Figura 1 – Como funciona o site

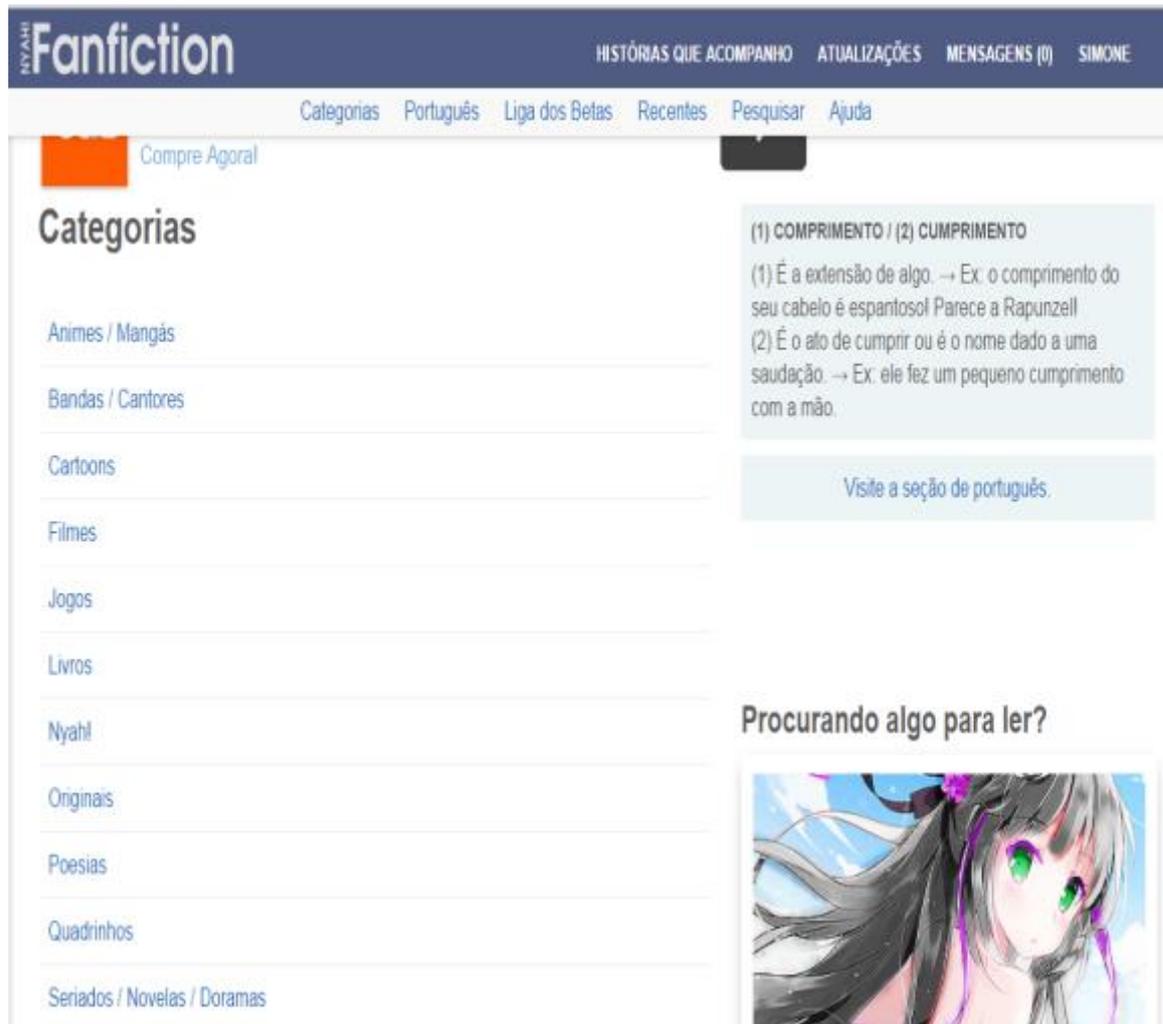
As histórias postadas no site são criações originais ou ficções criadas por fãs — *fanfiction* — de animes, seriados, filmes, livros e muito mais. Este site foi criado com o intuito de divulgar as séries originais, reunir seus fãs e proporcionar momentos de lazer através da leitura, assim como incentivar as pessoas a trabalharem seu lado criativo escrevendo suas próprias histórias.

Você não paga nada para ler ou postar no site, o uso é gratuito!

Fonte: *Fanfiction*, 2016.

Na figura 2, observamos as categorias nas quais as pessoas que leem e escrevem *fanfictions* podem ler e publicar seus textos. Por exemplo, se o escritor quer escrever sobre algum filme ou livro, ele vai diretamente ao *link* filmes e livros. Desse modo, encontrar a categoria se torna muito mais fácil, pois o site já direciona as diversas categorias que possui.

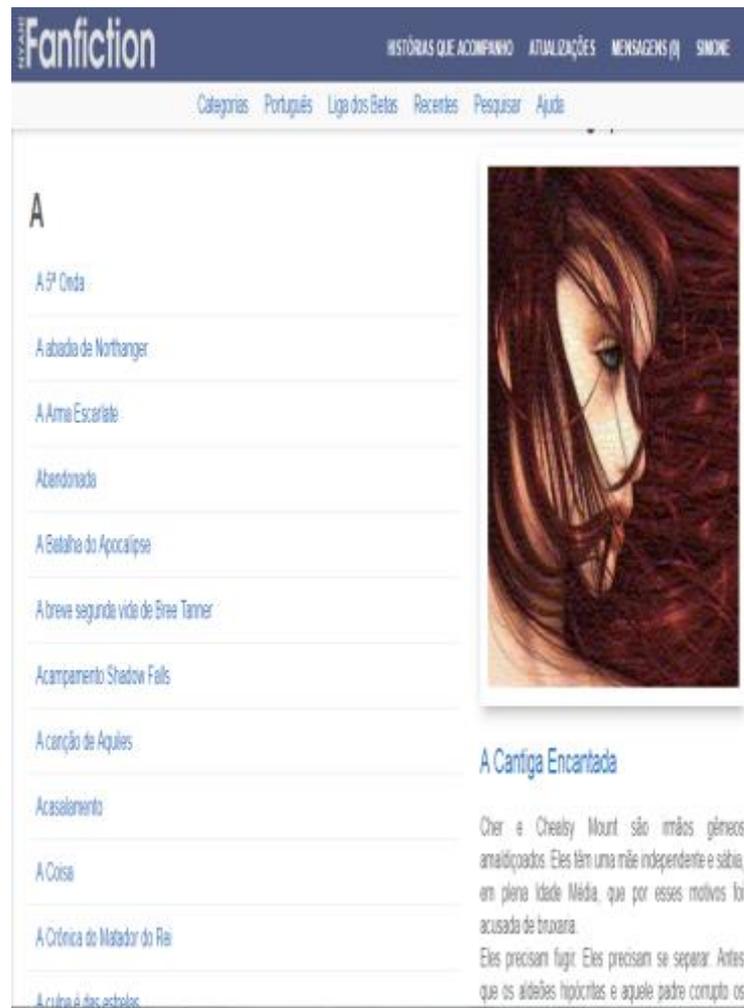
Figura 2 – Categorias para postar histórias no site



Fonte: Fanfiction, 2016.

Na figura 3, há por ordem alfabética todas as *fanfictions* que estão postadas no site, isto é, se o usuário quer ler sobre determinado livro, ele procura diretamente pelo nome, facilitando assim seu acesso.

Figura 3 – Ordem alfabética das postagens no site



Fonte: Fanfiction, 2016.

Na figura 4, mostra-se que no site há também um espaço para aqueles que desejam aprimorar a língua portuguesa, já que o próprio site prima pela correção textual em suas postagens. Geralmente os escritores de *fanfictions* se preocupam com o modo como vão escrever e se expressar, pois eles têm ciência de que seu texto poderá ser lido por muitas pessoas.

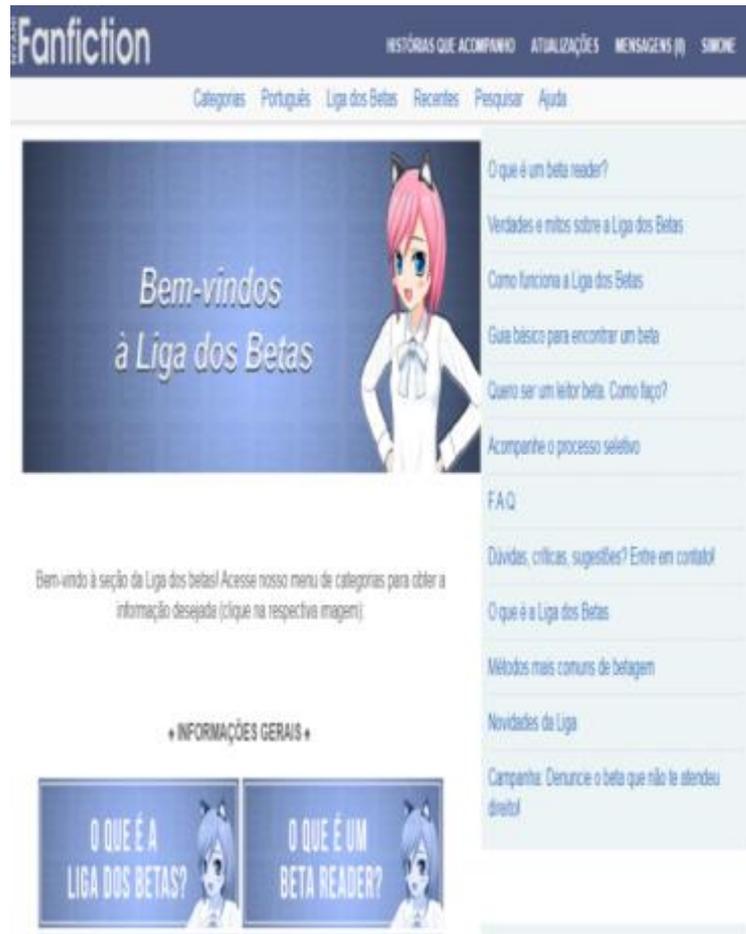
Figura 4 – Aulas de Português

Fonte: Fanfiction, 2016.

Na figura 5, há a apresentação da Liga dos betas, usuários do site, que se dispuseram a ajudar os escritores de *fanfictions* em revisões textuais. Para o *beta reader* atuar, ele deve ser convidado pelo escritor de *fanfictions* a ajudar em dúvidas gramaticais e, muitas vezes, orientar enredos e assuntos afins.

Existem no site orientações de como o escritor e o *beta reader* devem firmar o acordo de “betagem”, que é a leitura da *fanfic* pelo *beta reader* e propostas de correção.

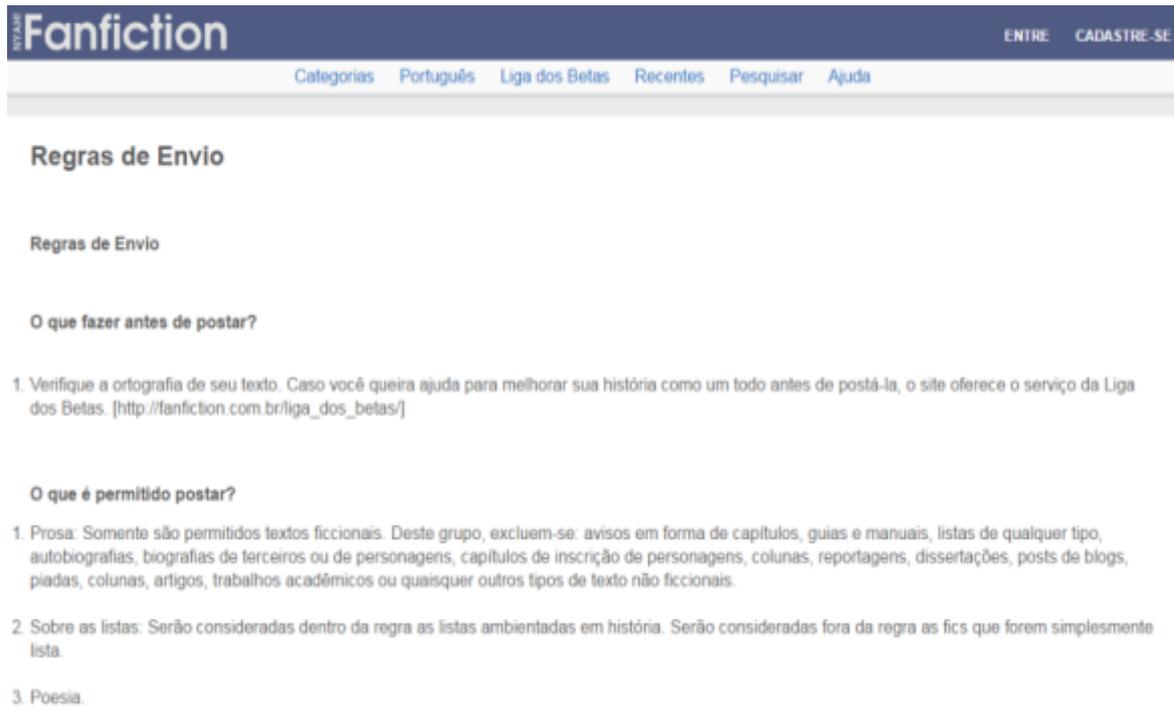
Figura 5 – Liga dos betas



Fonte: Fanfiction, 2016.

Já nas figuras 6 e 7, são apresentadas as regras de envio. Pelas normas, percebemos a preocupação do site em advertir o participante sobre o que se pode e não se pode fazer. Deixa-se claro, por exemplo, que as questões ortográficas devem ser observadas, para que os textos não possuam erros desse tipo; que não se podem postar histórias que não sejam da própria autoria do escritor de *fanfiction*; e que não são aceitas discriminações nos textos postados.

Figura 6 – Regras de envio



The image is a screenshot of the Fanfiction website's 'Regras de Envio' (Posting Rules) page. The page has a dark blue header with the 'Fanfiction' logo on the left and 'ENTRE' and 'CADASTRE-SE' links on the right. Below the header is a navigation bar with links for 'Categorias', 'Português', 'Liga dos Betas', 'Recentes', 'Pesquisar', and 'Ajuda'. The main content area is white and contains the following sections:

Regras de Envio

Regras de Envio

O que fazer antes de postar?

1. Verifique a ortografia de seu texto. Caso você queira ajuda para melhorar sua história como um todo antes de postá-la, o site oferece o serviço da Liga dos Betas. [http://fanfiction.com.br/liga_dos_betas/]

O que é permitido postar?

1. Prosa: Somente são permitidos textos ficcionais. Deste grupo, excluem-se: avisos em forma de capítulos, guias e manuais, listas de qualquer tipo, autobiografias, biografias de terceiros ou de personagens, capítulos de inscrição de personagens, colunas, reportagens, dissertações, posts de blogs, piadas, colunas, artigos, trabalhos acadêmicos ou quaisquer outros tipos de texto não ficcionais.
2. Sobre as listas: Serão consideradas dentro da regra as listas ambientadas em história. Serão consideradas fora da regra as fics que forem simplesmente lista.
3. Poesia.

Fonte: Fanfiction, 2016.

Figura 7 – Regras de envio (cont.)



Fonte: Fanfiction, 2016.

Observemos também que, em todas as *fanfictions* publicadas no site, existe o aviso sobre as questões de autoria, isto é, a história original não pertence à pessoa que escreve a *fanfiction*; entretanto, pode haver eventuais personagens que são novos na história, e esses, sim, são propriedade intelectual do escritor de *fanfictions*. O site deixa claro também que a história não tem fins lucrativos, pois são histórias criadas de fãs para fãs.

Portanto, o que podemos apreender até aqui sobre os sites de *fanfictions*?

Resumidamente, o gênero predominante no site são as *fanfictions*, ficção criada por fãs, em que os usuários podem publicar suas histórias gratuitamente e ler histórias de outros usuários do mesmo site; nele se aceitam histórias sobre livros, filmes, seriados,

bandas e cantores. E, se o usuário escrever algo que não se encaixa em nenhuma categoria, ele deverá entrar em contato com os moderadores do site.

Em todas as *fanfictions* publicadas, encontramos a explicação de que a história não pertence a quem está escrevendo e a propriedade intelectual pertence ao “autor-primeiro”, aquele que escreveu a história original. Entretanto, há personagens e outros cursos na história que pertencem ao “fanfiquero”, autor de *fanfictions*.

O site possui os *betaleitores*, pessoas voluntárias com quem os usuários podem entrar em contato, para que eles deem sugestões sobre enredo, ortografia e demais assuntos relacionados às histórias a serem publicadas. Há também o termo “*betagem*”, que é a correção feita pelo *betaleitor*.

Existem regras de conduta que devem ser respeitadas e, se violadas, o usuário corre o risco de não ter sua história publicada, além de poder ser banido do site.

No site há aulas sobre vários conteúdos da língua portuguesa, no qual voluntários dão dicas sobre como escrever melhor. Os usuários podem também comentar as histórias de outras pessoas, dando opinião, sugestões e elogios.

Após essa breve explanação a respeito da *fanfic*, é importante relacioná-la com o ensino de língua portuguesa, o que faremos a seguir.

5.1 AS FANFICTIONS E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Algumas perguntas estão sempre na mente dos professores de língua portuguesa: “Qual livro os alunos devem ler?”; “Ler por prazer?”; “Ler o que o professor quer?”; “Ler o que o aluno quer?”; “Ou deixar a leitura de lado porque o aluno não gosta de ler?”

Quanto a escrever, mais perguntas: “Os alunos devem escrever o quê?”; “Escrever só para o professor ler?”; “Devem procurar prazer em sua escrita?”; “Como corrigir os erros (gramaticais, ortográficos, de coerência e coesão)?”

As perguntas são muitas e os professores de língua portuguesa enfrentam essas questões sempre que planejam suas aulas. Alguns desses questionamentos também vêm de alunos inconformados com o modo como é ensinada e exigida a leitura e a escrita na escola. É importante pensar formas de responder a essas perguntas, visto que muitas delas norteiam o trabalho em sala de aula.

Dessa forma, escrever *fanfictions* pode ser um forte recurso capaz de incentivar o aluno a ler e a escrever com mais competência e prazer. Primeiramente, porque a maioria das pessoas é fã de alguém ou de algo. Os estudantes, principalmente o adolescente, têm isso muito mais aflorado, têm paixão por certos cantores, seriados, livros e costumam procurar na internet comunidades para que pessoas com os mesmos interesses troquem ideias com eles.

Unir o interesse dos alunos (fãs) com a internet, mostrar-lhes que há um espaço no mundo virtual em que eles podem escrever e assim participar mais das histórias que leem, pode ser muito atraente. Eles são muito interessados nas questões relativas à *web*. Então, a ideia é partir da vivência dos estudantes para que consigam aprender algo que eles devam alcançar.

Outro motivo para usar as *fanfictions* em sala de aula é que o aluno vai escrever para outras pessoas lerem, ou seja, não somente para o professor. Em relação à escrita, Bazerman (2011, p. 15) salienta:

Como resultado dessa habilidade abstrata ensinada numa atmosfera constante de exposição e avaliação, a escrita estudantil pode ser vazia, dizendo nada a ninguém, por nenhuma razão em particular. [...] A esse tipo de escrita escolar vazia falta o que Wayne Booth chamou de posição retórica, que forma uma relação concreta entre um escritor engajado e uma audiência interessada em um assunto significativo para ambos.

Com as *fanfictions*, os alunos terão a oportunidade de escrever para que mais pessoas leiam, sairão do universo solitário, no qual o que se escreve é apenas para um leitor, passando para um universo solidário, em que o que se escreve é para muitos leitores e com o mesmo interesse. Geraldini (2014, p. 65) nos mostra claramente o fato de na escola o estudante escrever para uma só pessoa.

Antes de mais nada, é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido

por ninguém ou será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá e dará nota para ele)?

Há outro fato interessante que deve ser levado em consideração quanto ao uso das *fanfictions* em sala de aula. Nos sites de *fanfictions*, há os *beta-readers*, os *betaleitores*, pessoas que auxiliam os usuários em seus textos. Não será o professor a “canetar” o texto do aluno, mas outra pessoa poderá ajudá-lo a escrever melhor. Jenkins (2009, p. 254) cita a pesquisadora educacional Rebecca Black dizendo:

Como a pesquisadora Rebeca Black observa, a comunidade de fãs pode muitas vezes ser mais tolerante com erros linguísticos do que professores tradicionais em salas de aula, e mais generosa, ao possibilitar que o aprendiz identifique o que realmente está querendo dizer, porque o leitor e o escritor operam dentro do mesmo quadro de referências, compartilhando um profundo envolvimento emocional com o conteúdo que está sendo explorado.

O aluno, ao escrever *fanfictions*, passa a refletir metalinguisticamente, pois ele vai pensar em como se escreve, sobre o que sabe e o que não sabe. Nesse sentido, Azzari e Custódio (2013, p. 75) ressaltam:

[...] os autores começam a pensar sobre como escrevem, sobre seu domínio da língua, especialmente a partir dos comentários que recebem a cada capítulo publicado e que vão moldando e remoldando seu texto, em forma e conteúdo, de maneira essencialmente colaborativa, ou ainda através dos revisores betaleitores e mesmo a composição de texto a quatro ou mais mãos.

Percebe-se, por esses motivos, a validade do uso das *fanfictions* em sala de aula para promover e motivar a escrita e a leitura, visto que o aluno se sentirá mais livre para criar com base naquilo de que gosta. A escrita se desenvolverá de forma mais espontânea e a vontade de ler mais livros também poderá ser despertada, uma vez que, interagindo com outras pessoas, outros membros da comunidade, haverá indicações e sugestões de leituras.

Portanto, no contexto escolar, o aluno deve entender que faz parte do ambiente onde vive, deve ter consciência de que pode interferir nesse ambiente, construindo com base no que já sabe e aprendendo, com outras pessoas, o que não sabe, tornando-se mais participativo no processo de construção do conhecimento.

5.2 O TEXTO NARRATIVO E AS *FANFICTIONS*

O ser humano sempre gostou de ouvir histórias. Os mais velhos contavam histórias para crianças e essas histórias eram passadas de geração a geração. Nas culturas ágrafas, esse hábito era muito mais precioso, e o que precisava guardar na memória era dito e redito oralmente. Assim, de acordo com Benjamin (1987, p. 198):

A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores, e entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esse dois grupos: 'Quem viaja tem muito o que contar', diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.

Com o advento da imprensa no século XV, os livros se tornaram mais acessíveis e, assim, além de ouvir, as pessoas poderiam ler as narrativas, antes somente repetidas. Como exemplo, os irmãos Grimm, que catalogaram as histórias contadas pelo povo alemão, conquistando sucesso na época, são até hoje lembrados como escritores de contos de fada. O que de fato ocorreu foi que eles reuniram histórias orais em livros (CHARTIER, 2002).

O texto narrativo, com seus personagens, enredo, narrador, antagonistas, protagonistas, é um tipo textual muito comumente usado, as pessoas gostam de ouvir histórias; “[...] é o enredo que enreda o leitor” (GERALDI, 2014, p. 60).

Os ouvintes e leitores ficam “presos” à leitura, querendo saber o final da história. Em termos de escola, vale a pena pensar em um tipo de texto que agrade aos alunos, com o qual se sintam à vontade para ler.

Nas páginas dos livros de narrativas, o leitor pode encontrar-se, encontrar o outro, ir por caminhos que até então não trilhara, vivenciar experiências dos personagens, que pela leitura acabam sendo suas também. Sobre essa experiência, Citelli (2001, p. 104-105) afirma que

[...] estamos diante de expedientes capazes de ajudar a constituir ou reconstituir experiências, indagações, projeções, utopias etc., do ser humano. Daí a necessidade de mostrar-se que os mecanismos ficcionais nem são etéreos ou menos significativos - tampouco pura e simples imitação do mundo circundante.

Apesar de tantas vezes lembrada e dada como exemplo, vale buscar, para contextualizar, a personagem Xerazade⁵, dos contos de *As Mil e Uma Noites*. A rainha persa que conquistou o Rei Shariar, pois sabia que, se não preparasse algo em sua noite de núpcias, ela morreria, visto que o rei havia passado por uma desilusão amorosa e decidiu matar todas as esposas com quem viesse a se casar.

Xerazade começou a contar uma história a sua irmã Duniazade, e o rei muito chateado reclamou; mas, quando a rainha começou “era uma vez um mágico muito malvado”, o rei não escapou à vontade de saber o final. Quando começou a amanhecer, Xerazade parou de contar e Shariar pediu mais.

A rainha disse: “Mas o dia está amanhecendo, Majestade! Já ouço o carrasco afiar a espada!” “Ele que espere”, declarou o rei. Shariar deitou-se e dormiu profundamente. Despertou ao anoitecer e ordenou à esposa que concluísse a história, dizendo: “Conte-me outra!”

As histórias fazem o leitor se enveredar por caminhos antes desconhecidos, a curiosidade de saber o que vai acontecer prende a atenção de quem lê e ouve histórias. “[...] o discurso narrativo constrói a partir de uma linguagem que tem suas particularidades, uma das muitas janelas para se ver o mundo e o coração dos homens” (CITELLI, 2001, p. 106).

O aluno pode achar mais fácil escrever narrativas entre outras tipologias textuais, pois elas estão muito presentes em seu dia a dia, quando conta uma história para seus amigos e quando a ouve deles; quando escuta seus avós contando “causos” do passado; quando presta a atenção ao colega narrando um filme que viu e de que gostou; enfim, a narrativa, por ser uma tipologia textual muito próxima do aluno, pode ser mais simples para ele escrever, se for incentivado.

⁵ **Xerazade**, grafado também como **Sherazade** ou **Sheherazade**, é uma lendária rainha persa e narradora dos contos de *As Mil e Uma Noites*. Segundo a lenda da antiga Pérsia, Sherazade, com sua beleza e inteligência, fascinou o rei, ao narrar histórias fantásticas por mil e uma noites, poupou sua vida e ganhou o eterno amor do Rei Shariar. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Xerazade>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

Conforme o ditado popular – “quem conta um conto aumenta um ponto” –, uma pessoa conta uma história, outra ouve, reconta a mesma história, porém com outro toque, acrescentando-lhe outro ponto. Basicamente é isso que acontece com o gênero *fanfiction*. Nele sempre há alguém aumentando um ponto, não só um, mas vários pontos.

5.3 AS FANFICTIONS E A INDÚSTRIA CULTURAL

O termo Indústria Cultural foi criado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) durante a 2.^a Guerra Mundial⁶. Os dois pensadores estavam preocupados com a arte na sociedade capitalista, visto que a tendência do capitalismo é vender e vender cada vez mais; a arte, de acordo com os dois pensadores, não fugiria a essa regra: as pessoas consumiriam a arte e logo ela seria descartada, e, assim, os consumidores iriam querer mais. Os filósofos defendiam que o consumidor da Indústria Cultural era uma pessoa insaciável ante os bens de consumo de sua época; adquiriam produtos e consumiam para, logo em seguida, consumir mais e mais. Desse modo, a Indústria Cultural traria mais malefícios que benefícios para a sociedade. Amancio e Chiari (2014, p. 3) ressaltam que,

[...] para os frankfurtianos, a Indústria Cultural só trazia efeitos negativos para a sociedade, que para eles, estava cada vez mais dependente dos produtos de massa, de uma maneira que eram considerados alienados e sem nenhum poder de decisão sequer, apenas influenciados numa via de mão única para o consumismo irrefreável.

Adorno e Horkheimer consideravam o rádio, a TV, o cinema e revistas como os grandes influenciadores de consumo. Isso porque eles não tiveram a oportunidade de analisar a internet, presente muito mais na vida das pessoas do que a TV ou o cinema, e muitas vezes ela está inserida em vários suportes – telefone, computador, *tablets*, celulares – fazendo com que as pessoas tenham acesso rapidamente a esse recurso.

Assim, podemos dizer que a *fanfiction* faz parte da Indústria Cultural. O escritor de *fanfics* se baseia em produtos, como livros, filmes, séries, para poder escrever. Existe aqui uma diferença: a pessoa que escreve as *fanfictions* constrói sobre esses

⁶ Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/escola-de-frankfurt-critica-a-sociedade-de-comunicacao-de-massa.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

produtos; ela os consome, porém pensa sobre ele, molda-o do jeito que deseja. “Essa pessoa também deixa de possuir a única classificação de consumidor, pois amplia as histórias, cria novos personagens, novos enredos e disponibiliza sua ‘criação’ em sites na internet, para qualquer outro interessado em ler” (AMANCIO; CHIARI, 2014, p. 3).

O escritor, ao criar um *fanfiction*, pode mudar o que quiser na obra na qual se baseou: pode mudar personagens, enredo e até mesmo formas de pensar do narrador ou de certos personagens; muitas vezes, o *ficwriter* não concorda com determinado pensamento da personagem, ações dela, e muda suas características. Desse modo, acreditamos que há análise no momento da escrita, o escritor amplia as histórias lidas, pensa sobre elas e não aceita passivamente o que leu. Amancio e Chiari (2014, p. 9) comentam:

Esse fenômeno, que consiste na pura produção de conteúdo baseado em histórias criadas por outras pessoas, é um resultado concreto de que o relacionamento entre consumidores e os produtos de massa, sendo esses no caso das *fanfics*, livros e filmes de ficção, possuem outro resultado além da alienação e procrastinação. O processo de criação existe e é o objetivo principal do fenômeno, além da originalidade e fator surpresa que o autor consegue adicionar à história, de uma maneira que a mesma não perca sua essência e ao mesmo tempo seja uma proposta totalmente do contexto original.

Fazer parte da Indústria Cultural não desmerece as histórias criadas no universo *fanfiction*; muito pelo contrário, percebemos que as pessoas não apenas leem e são influenciados pelas histórias, mas colocam muito de si em uma escrita criativa e colaborativa.

Os escritores de *fanfictions* se apropriam de determinada história, tomam para si um enredo, não apenas leem e descartam, sem pensar sobre o que foi lido; os *ficwriter* extrapolam, vão além, não se contentam em parar no texto pronto e acabado.

Santos (2015, p. 37) explica *como* a *fanfiction*, apesar de estar na mídia, não é um produto cultural sem pensamento crítico, visto que seus escritores passaram a repensar o conceito de literatura.

As *fanfictions* nasceram em um contexto de produção marginal dos espaços virtuais que vem ampliando a discussão de definição de literatura. Considerada dentro do sistema oficial como ‘subcultura’ [...] Elas representam uma cultura participatória, de fãs que se apropriam de produtos culturais, do personagem, etc., criando assim um novo produto. Este produto é repassado de forma gratuita fazendo repensar a sua função social.

As *fanfictions* se baseiam em produtos da mídia, mas simultaneamente vão de encontro a muitas questões nela correntes, por exemplo, os meios de comunicação, que não dão ênfase a produções artísticas marginais. Ou seja: a *fanfiction*, apesar de se ancorar no que está posto pelos veículos de comunicação, produz material cultural que a própria mídia não se interessa em mostrar.

6 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Apresentaremos neste capítulo o processo metodológico que permeou o desenvolvimento desta pesquisa.

Procurando reconhecer as necessidades e potencialidades de nossos estudantes em relação à produção de texto, à leitura, ao uso da internet e buscando saber de quem eles são fãs, foi realizada uma pesquisa exploratória, pois proporciona maior conhecimento da realidade vivida pelos alunos, o que contribui para a construção de hipóteses.

A abordagem metodológica deste trabalho é a pesquisa-ação, que se define como

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativos (THIOLENT, 1986, p. 14).

Antes de começarmos efetivamente o projeto de intervenção, foi realizado com os alunos um questionário (APÊNDICE D) com perguntas abertas, às quais os educandos poderiam responder livremente, dando suas opiniões e escrevendo o que pensavam.

Tal pesquisa reuniu os sujeitos envolvidos e seus conhecimentos, o dia a dia e os currículos vivenciados. Depois de ter acompanhado e compartilhado esses movimentos, foi proposta uma maneira de trabalhar a *fanfiction* em sala de aula, para que a produção de texto não seja vista somente como uma forma de avaliação; a leitura, não como uma obrigação, e sim como prazer; a utilização da internet com mais propriedade, para além do divertimento; e a obtenção de conhecimento e informações sobre aquilo de que ou de quem eles são fãs.

Assim, participaram desta pesquisa alunos da 8.^a série do ensino fundamental, de uma escola estadual⁷ da Serra, turno vespertino, no período de julho a setembro de

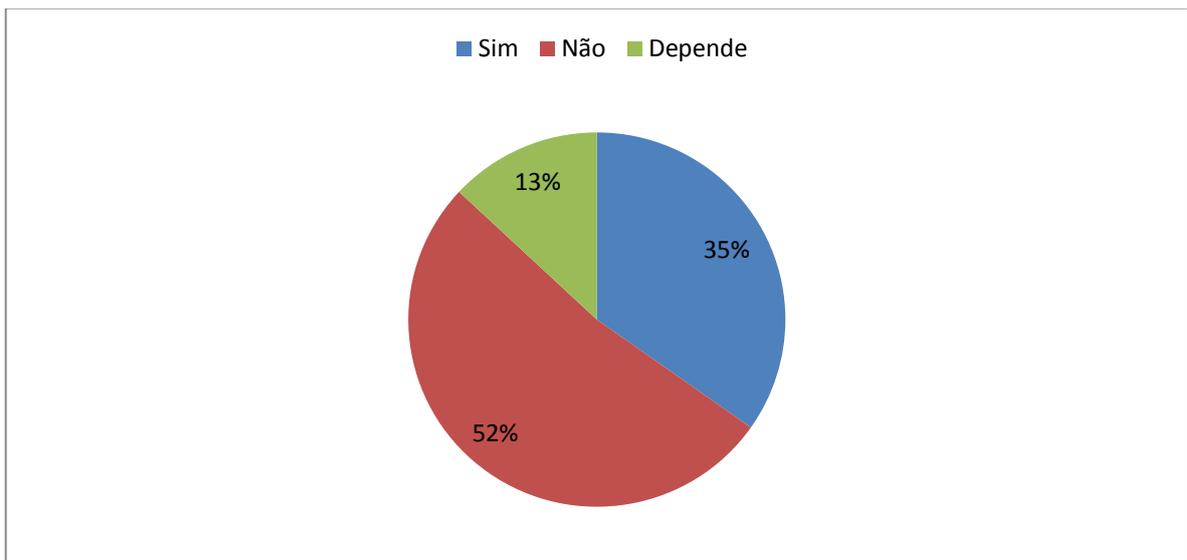
⁷ Escolhi essa escola, pois nela leciono desde 2004 e sempre percebi o desinteresse dos alunos em leitura e escrita, o que me levou a procurar novos métodos de trabalhar essas ações. Foi aí que surgiu a ideia de aplicar essa proposta de intervenção para possibilitar-lhes maior conhecimento em ambas as competências.

2016. Havia 28 alunos nesta turma, porém somente 23 questionários foram respondidos nessa etapa, pois alguns estudantes faltaram no dia da aplicação.

6.1 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS ANTERIORMENTE À APLICAÇÃO DA PROPOSTA

Para a análise dos dados, as categorias foram divididas em leitura, produção de texto e informações sobre aquilo de que ou de quem os alunos são fãs. Vale ressaltar que, nas justificativas às perguntas, algumas respostas eram semelhantes; então, para não repeti-las, apenas uma foi incluída. Mais: o texto das respostas se mantém da forma que os alunos escreveram.

Gráfico 1 – Questão 1: Você gosta de ler? Por quê?



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

JUSTIFICATIVAS:

Sim,

- gosto de ler;
- porque ajuda a conhecer palavras novas;
- abre a imaginação;
- gosto de ler e aprender;
- relaxa a minha mente;
- é interessante;

- distrai e me faz feliz.

Não,

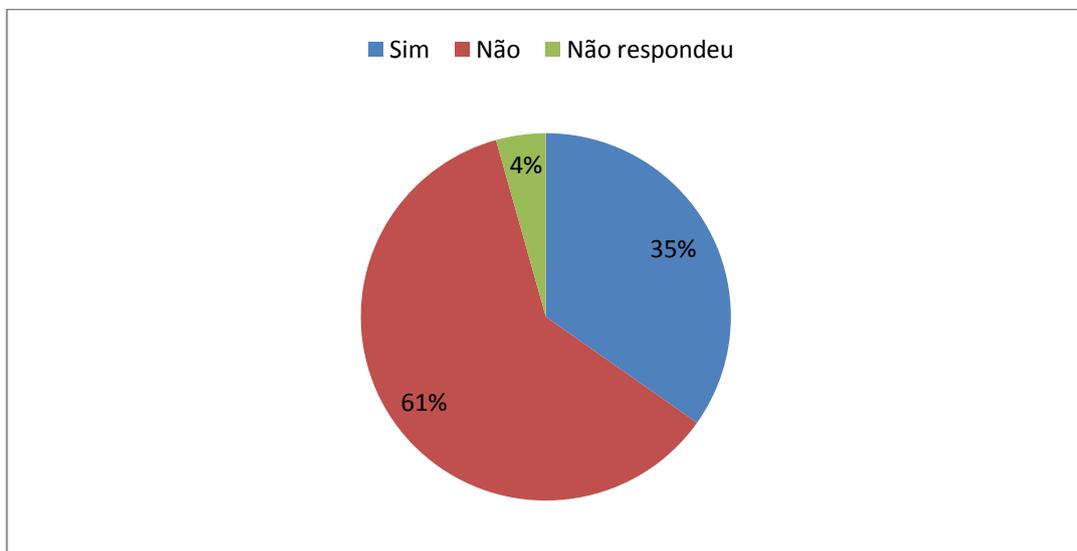
- porque não tenho costume;
- é chato;
- deixa a cabeça doendo;
- é cansativo;
- acho enjoado.

Às vezes gosta de ler,

- quando o livro chama a atenção.

Podemos perceber, pelo gráfico e pelas informações obtidas, que a maioria dos alunos não gosta de ler. Não porque o livro é desinteressante, já que nenhum deles disse que leu e não gostou da história; provavelmente alguns não chegaram a ler um livro por completo, porque talvez tenham começado a leitura e, achando-a chata e enjoativa, largaram de lado, não procurando outros livros para ler.

Gráfico 2 – Questão 2: Existe algum livro de que você tenha gostado mais? Fale sobre ele



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Livros que mais gostaram de ler:

- Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei (Paulo Coelho);
- A Culpa é das estrelas (John Green), pois percebi como a menina pode superar barreiras;

- Mangás (histórias em quadrinhos de origem japonesa);
- Mãos Talentosas (Bem Carson);
- Dom Quixote (Miguel de Cervantes), tem muitas aventuras;
- Harry Potter (gosta de ficção).

Interpretamos, com base nessas respostas, que os alunos gostam de livros que estão em circulação na mídia e o curioso é que muitos deles se tornaram filmes. Esses livros geralmente são passados de “mão em mão”, por indicação de alunos, seguindo o gosto de cada pessoa.

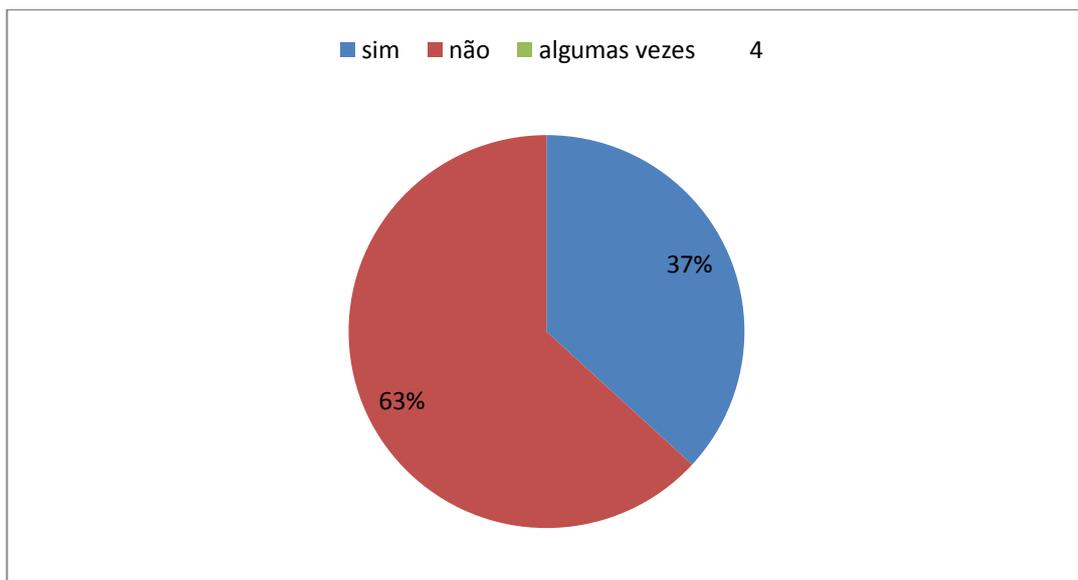
Questão 3 – Escreva algo que você queira dizer sobre leitura

Apenas cinco alunos responderam a essa pergunta, cujas respostas se seguem:

- Ler ajuda no aprendizado, na escrita e na fala;
- Achei bom o livro Meu Pé de Laranja Lima (José Mauro de Vasconcelos);
- Ajuda a falar as palavras corretamente;
- Mostra o poder e a força da Literatura;
- Leitura abre a mente.

• **Questionário sobre produção de texto**

Gráfico 3 – Questão 4: Você gosta de escrever textos na escola? Por quê?



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

JUSTIFICATIVAS:**Sim,**

- pois ajuda a aprender;
- porque é melhor que matemática;
- melhora a caligrafia.

Não,

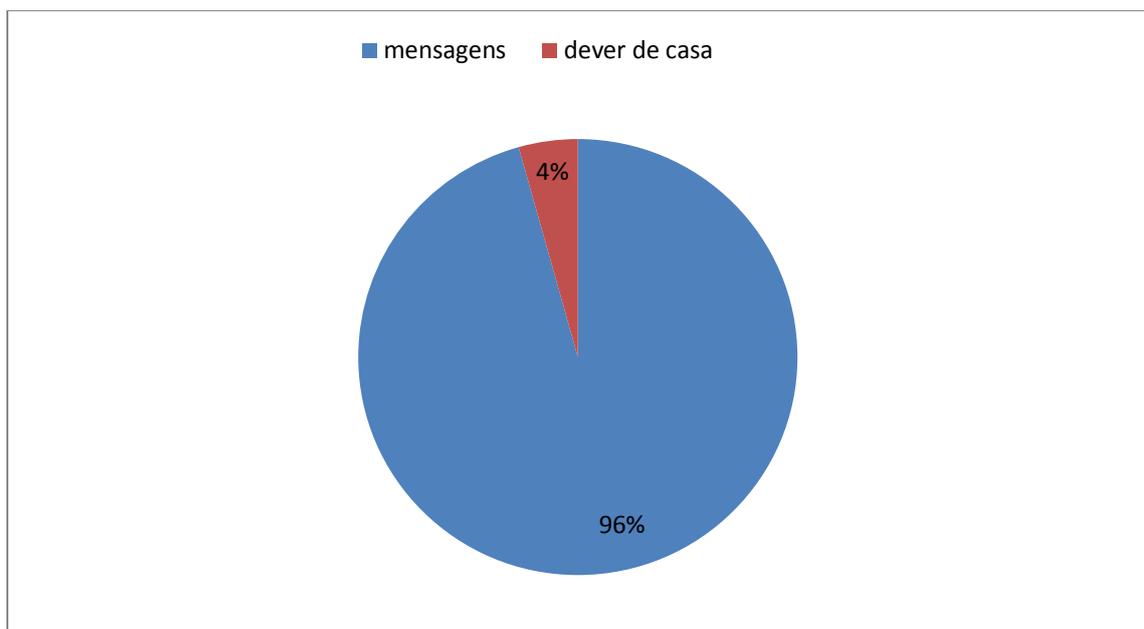
- porque dói a mão;
- é cansativo;
- muita coisa para copiar do quadro;
- é chato; não tenho inspiração;
- não tenho criatividade.

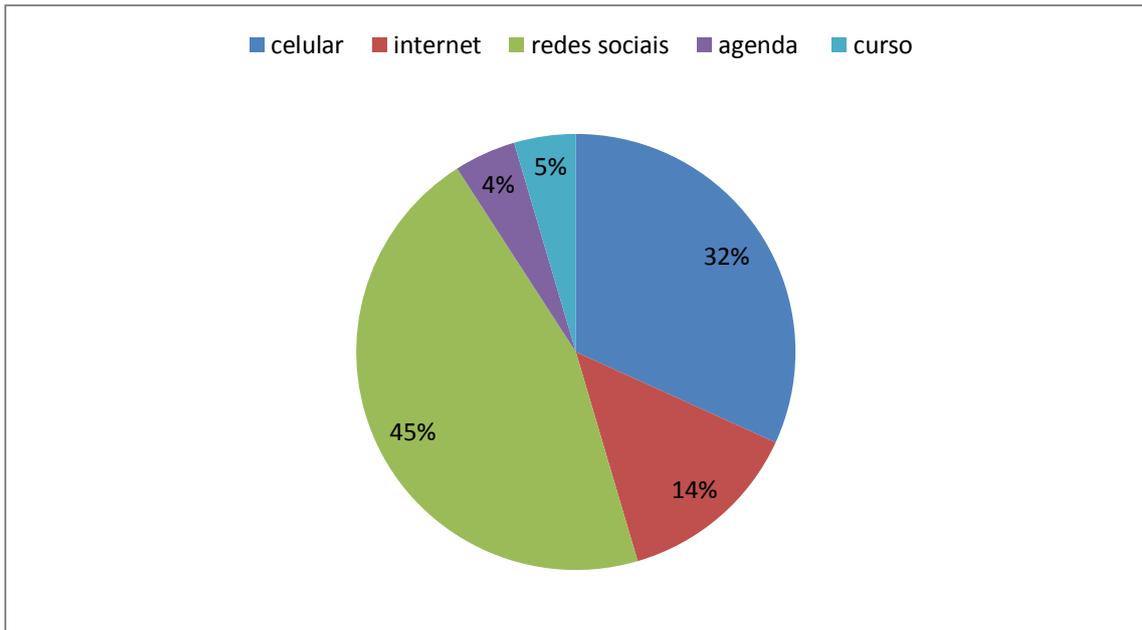
Algumas vezes,

- pois tem atividade de que gosta;
- porque gosta de escrever.

Percebemos que os alunos apresentam como justificativa não gostar de escrever, porque lhes falta inspiração e não têm criatividade; possivelmente porque não lhes foram dadas oportunidades de escrever com prazer e escrever sobre o que gostam.

Gráfico 4 – Questão 5: O que você escreve fora da escola? Onde?





Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Na resposta a essa quinta questão, ficou claro que a internet ocupa o centro no momento da escrita dos alunos pesquisados, principalmente as redes sociais, ambiente no qual trocam mensagens.

Questão 6: Como você acha que poderiam ser as aulas de produção de texto?

Apenas seis alunos não responderam a essa pergunta.

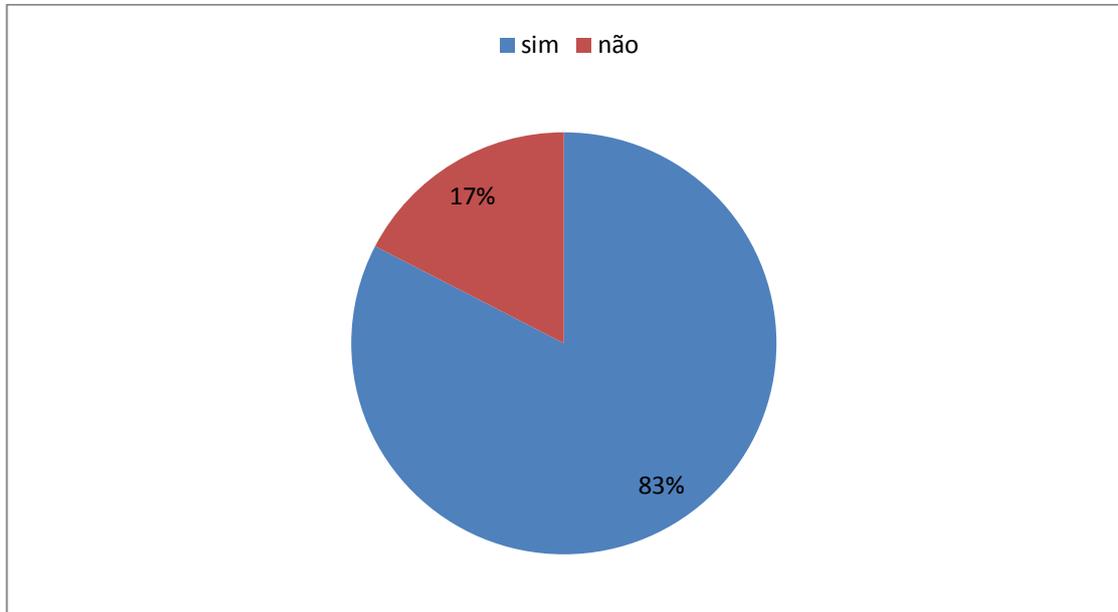
Respostas:

1. poderia ao menos ter aulas de produção de texto;
1. mais caligrafia;
2. na sala de vídeo, pois tem ar-condicionado;
2. professores mais animados;
2. aula de campo;
1. falar sobre escritores famosos;
8. escrever sobre o que gosta.

Dos alunos que escreveram, somente oito têm noção do que sejam aulas de produção de texto, pois as outras respostas demonstram que os estudantes desconhecem a função dela, procurando possivelmente “salvação” para essa disciplina, listando professores mais animados, salas com ar condicionado, mais caligrafia.

- **Questionário sobre ser fã de algo ou alguém**

Gráfico 5 – Questão 7: Você é fã de algo ou alguém (livro, cantor, banda...)?

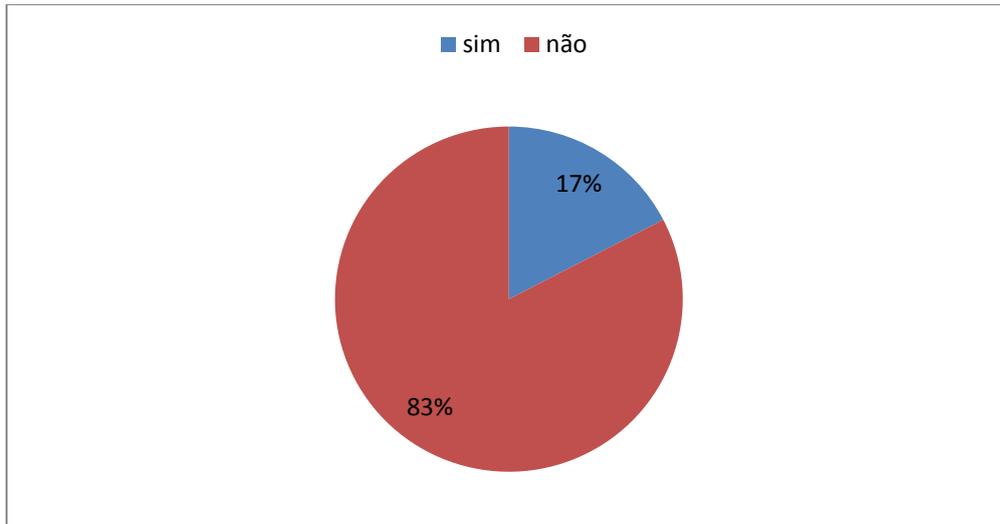


Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

De quem são fãs?

- The Originals;
- Ddthank;
- Harry Potter;
- MC Duduzinho;
- Supernatural;
- Resident Evil;
- Luan Santana;
- Deus;
- pai.

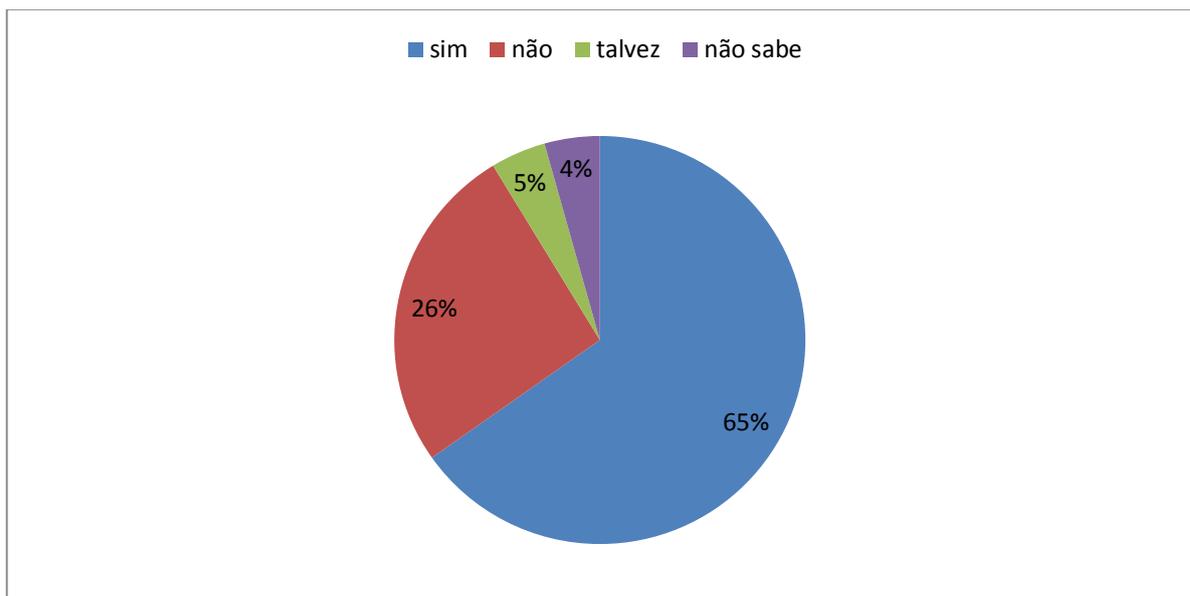
À vista disso, podemos observar que os alunos são fãs, principalmente, de séries de TV e cantores. Em relação a livros, somente Harry Potter foi citado por dois estudantes. Ou seja, a quantidade de alunos que leem é maior que dois, mas o fato de alguns gostarem de ler não os faz fãs de determinados livros.

Gráfico 6 – Questão 8: Você já ouviu falar sobre *fanfictions*? Se sim, o que ouvir falar?

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Poucos alunos sabiam ou conheciam o que é uma *fanfiction*. Os que responderam que sim disseram que sabiam que era sobre escrever a respeito de um ídolo ou de livro em sites próprios. Nesse caso, percebemos que não se aprofundaram, ao responderem o que sabiam, não disseram que era para escrever uma história sobre de quem eram fãs, podendo mudar algo na narrativa, isto é, não houve um nível maior de aprofundamento neste quesito.

Gráfico 7 – Questão 9: Você acha que a internet pode ajudá-lo a escrever melhor?



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

JUSTIFICATIVAS:**Sim,**

- pois é fonte de pesquisa;
- a internet te incentiva a escrever;
- porque nos comunicamos com os outros;
- estimula a escrita;
- têm coisas que interessam ao adolescente.

Talvez

- tem coisa boa e ruim.

Observamos que a maioria concorda que a internet colabora para que eles escrevam melhor, e essa resposta tem relação com a questão 5, sobre o local onde eles escrevem fora da escola. Portanto, percebemos que a internet faz parte da vida do aluno, a ponto de ele achar que essa ferramenta pode ajudá-lo a escrever melhor.

Posteriormente à análise do questionário, demos início à aplicação da nossa intervenção em sala de aula, que é o trabalho com as *fanfictions*, a fim de incentivar e motivar o aluno à leitura e à escrita.

6.2 APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A análise foi dividida em momentos/aulas, com a explicação do passo a passo do método do trabalho com as *fanfictions*. Vale salientar, mais uma vez, que o produto educacional final desta dissertação é um documentário, em que estarão descritos e apresentados todos esses momentos.

1.º momento

Local	Sala de aula
Material	Quadro, pincel para quadro branco
Tempo	Uma aula de 50 minutos

Nessa etapa, o professor conversou com os alunos sobre o que é ser fã, perguntando se eles são fãs de alguém, de algum livro, de série de TV, bandas, filmes; se têm contato com seus ídolos por meio de sites na internet; se ser fã de alguém os prejudica

em algo. Deixou que os alunos falassem e expusessem o que pensavam sobre o assunto.

Os alunos falaram bastante sobre livros lidos, pessoas a quem admiravam e aquelas de quem eram fãs. Como foi perguntado a cada um deles de quem eles eram fãs e, em seguida, era escrito no quadro o nome do “ídolo”, algumas vezes eles próprios iam até a lousa e escreviam o nome, pois, por vezes, os nomes eram em inglês e os estudantes não só faziam questão de demonstrar por meio da pronúncia, senão que sabiam de cor a escrita, reafirmando e fortalecendo, assim, a relação ídolo/fã.

Houve também momentos em que os alunos não conheciam a pessoa ou o livro dos quais um colega gostava e, nesse momento, havia questionamento e curiosidade a respeito do que foi indicado pelo aluno, gerando, dessa forma, uma troca de saberes entre os educandos, pois cada um trouxe uma ideia e a apresentou à turma.

Um estudante disse não ser fã de nenhum livro em especial, nem de nenhuma banda, mas gostava bastante de pessoas como Martin Luther King e Carlos Marighella, ambos revolucionários que colaboraram para a liberdade do povo nas respectivas épocas, como bem afirmava o aluno. A maioria da turma nunca ouvira falar deles, então o aluno os apresentou aos colegas, descrevendo um pouco de cada um.

Todos tiveram a oportunidade de falar sobre pessoas de quem eram fãs; por vezes, era necessário voltar a conversar com determinado estudante que já havia falado, para que ele dissesse outro nome, pois não queria que uma de suas preferências ficasse de fora.

Assim, ficou nítida a maneira como os estudantes gostam de falar sobre suas predileções e se animam com o fato de poder se expressarem sobre elas.

2.º e 3.º momentos

Local	Sala de aula
Material	Quadro, pincel, folhas de papel almaço
Tempo	Duas aulas de 50 minutos

Depois que houve a conversa sobre pessoas de quem eles são fãs, o professor explicou sobre o gênero digital *fanfictions*, mostrando aos estudantes que existem na internet sites nos quais as pessoas podem criar histórias a respeito de livros, bandas, seriados de que gostam, mudar algum personagem, enredo, fazer cruzamento entre histórias, ou seja, “misturar” duas histórias diferentes, além de informar que o cadastramento no site é gratuito, bem como a postagem de histórias.

Alguns exemplos foram citados, tais como Harry Potter, explicando que uma pessoa que leu e não gostou do final pode ir ao site, cadastrar-se e continuar a história ou mudá-la em algum ponto; ademais, se quiserem, poderão colocar um personagem de uma história em outra, mudando bastante a história original.

Depois da explicação, os alunos escreveram narrativas no papel. Deixou-se claro para os alunos que as *fanfictions* são um gênero exclusivo da internet, mas, a princípio, eles escreveriam suas produções no papel, com o objetivo de se familiarizarem com o assunto e trocar ideias com os colegas em um ambiente de mais fácil locomoção, como a sala de aula. A produção de texto foi feita em duplas ou individualmente, pois, apesar de ser difícil produzir um mesmo texto com um colega, a proposta é que em dois há a possibilidade de trocar ideias e os interesses serem compartilhados.

Nesse momento, alunos que gostavam de *RAP* se sentaram juntos e fizeram uma história, na qual houve junção de suas bandas e cantores preferidos; houve também um breve ensaio de desafio de *RAP*, atividade que eles estão habituados a fazer, acostumados a “rimar” de acordo com eles.

Alguns se juntaram por gostar muito de Naruto, personagem de um mangá (quadrinho japonês); outros estudantes tinham interesse em seriados; outros ainda em livros, tais como Harry Potter, Escrito nas Estrelas. Neste último, por exemplo, uma aluna mudou o final, pois não gostou de como foi feito.

Houve bastante envolvimento nessa fase, pois, ao saberem que poderiam sentar próximos aos colegas que possuíam os mesmos interesses e assim escrever juntos, isso os animou bastante.

Os alunos que quisessem poderiam ler suas histórias, o que se revelou muito satisfatório, positivo e gratificante para o professor, uma vez que alunos que nunca quiseram ler pediram para mostrar suas histórias à turma.

4.º momento

Local	Sala de informática
Material	Data-show e computadores
Tempo	Uma aula de 50 minutos

Nessa etapa, o professor apresentou o site *Nyah!Fanfiction* aos alunos, mostrando cada parte detalhadamente: página principal, local em que se cadastrar, local onde ficam as histórias, as regras a serem seguidas no site, tipos de categorias em que eles podem cadastrar-se, deixando claro que o site é gratuito e as histórias postadas ali não possuem fins lucrativos, além de citar os betaleitores.

Nesse momento, o professor mostrou uma página que ele mesmo criou no site e suas histórias favoritas (no site); foi lida a história A Carta de – A (ANEXO A), que é um *fanfiction* de *Pretty Little Liars*, seriado com foco no público adolescente, que, inclusive, foi muito comentado na primeira aula. Perguntou-se, então, se percebiam as mudanças feitas na história original.

Houve perguntas como “[...] o que eu escrever no site, todos poderão ler?”. Depois de ter explicado que capítulos podem ser escritos e postados para depois escrever mais, uma aluna disse: “[...] então posso escrever um capítulo pequenininho só para dar um gostinho e as pessoas procurarem no outro dia?”.

Outros perguntaram se realmente os betaleitores lhes responderiam, se, por acaso, tivessem dúvidas.

Ainda nessa etapa, os alunos se cadastraram no site e passaram a navegar nele, conhecendo-o e lendo histórias. Muitos estudantes ficaram admirados pela possibilidade de mudar uma história já escrita, alguns dos quais queriam escrever imediatamente, pois não gostaram de determinado final ou de determinado personagem.

Percebemos muito enfaticamente que a possibilidade de poder mudar rumos de uma história e criar universos narrativos, até então inexistentes, animou muito os educandos. Eles se mostraram ansiosos por poder mudar histórias e criar outras sobre seriados, filmes e livros que ainda não existiam.

5.º e 6.º momentos

Local	Laboratório de informática
Material	Data-show e computadores
Tempo	Duas aulas de 50 minutos

Depois de terem conhecido o site, os alunos passaram a escrever uma *fanfiction* no *Nyah!Fanfiction*.

Foi um momento de bastante curiosidade, pois os estudantes estavam ansiosos por escrever. Como não havia computadores para todos trabalharem individualmente, os alunos fizeram grupos de duas a três pessoas.

No momento da escrita, ouviram-se as seguintes afirmações: “*Nossa, quanto mais escrevo, mais quero escrever!*”; “*Comecei a escrever e veio um monte de coisa na minha cabeça*”.

E perguntas como: “*Vai publicar?*”; “*É para todo mundo ler?*”; “*Nossa, vou ficar famosa!*”.

O interessante é que não se ouviu, em nenhum momento: “[...] *é para nota?*” ou “*to sem inspiração*”.

Houve bastante burburinho na sala de informática, visto que os alunos, sentados em pares ou em trios, discutiam como mudariam a história e tentavam convencer o outro colega sobre outros rumos que o enredo poderia tomar.

Observamos que deixar os alunos escreverem sobre algo de que eles gostam pode surtir um efeito positivo em sala de aula, pois eles se mostraram muito animados e, mesmo com o fim da aula, pediram para continuar a escrita.

Ao final dessa etapa, foi pedido aos alunos que salvassem suas histórias no site, para que as continuassem em outro momento, tanto na escola quanto em casa.

Após a intervenção, comparamos textos de dois alunos: os primeiros textos escritos no papel e as *fanfictions*, dois textos realizados no papel (ANEXOS B e D), seguidos dos mesmos textos realizados no site de *fanfictions* (ANEXOS C e E).

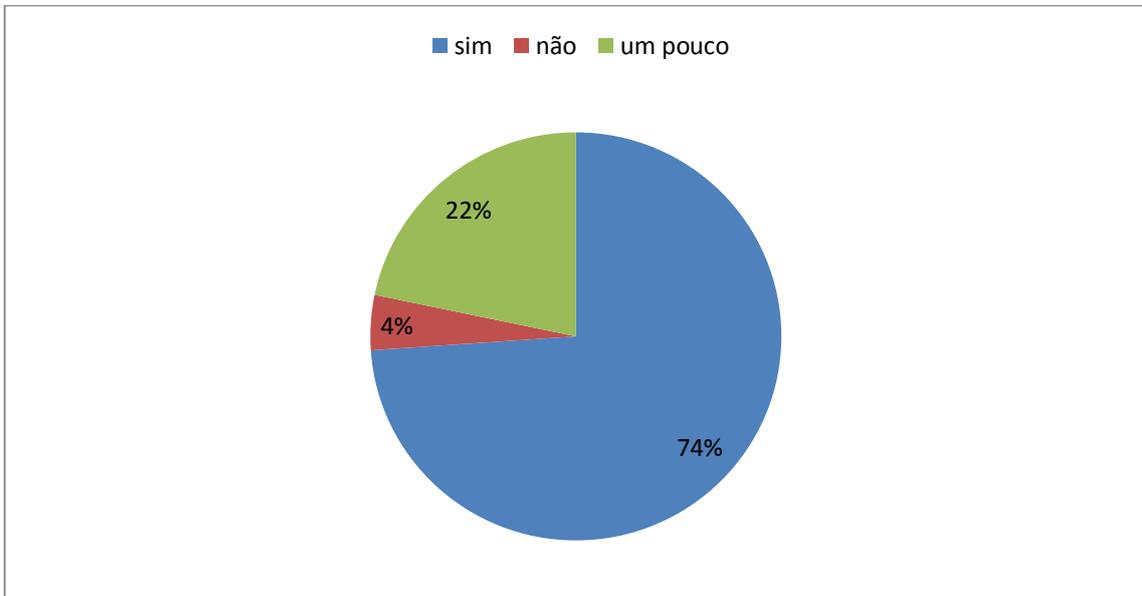
Ao compararmos as produções de textos, observamos que a estruturação do texto melhorou; os estudantes perceberam a importância dos elementos da narrativa (personagem, enredo, clímax); além de se preocuparem com a organização dos parágrafos, da pontuação (no papel reparamos que não havia atenção em pontuar corretamente, já na *fanfiction*, houve mais cuidado), procuraram instigar os leitores a continuar lendo seus textos na internet, fato que pouco se via antes com textos produzidos cotidianamente.

Enfim, as *fanfictions*, no curto espaço de tempo que conseguimos observar, proporcionaram aos educandos instrumentos para ler e escrever melhor, além de proporcionar-lhes a oportunidade de mostrar suas histórias, o que influenciou muito na evolução de seus textos.

6.3 ANÁLISES DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS APÓS A PROPOSTA DIDÁTICA DE INTERVENÇÃO

A fim de obtermos uma opinião acerca da estratégia do trabalho com as *fanfictions*, pedimos aos alunos que participaram da pesquisa que respondessem a algumas perguntas (APÊNDICE E) sobre o método. Portanto, eis os comentários:

Gráfico 8 – Questão 1: Depois de ter feito algumas aulas escrevendo *fanfictions*, você considera que elas o ajudaram a escrever? Por quê?



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

JUSTIFICATIVAS:

Sim,

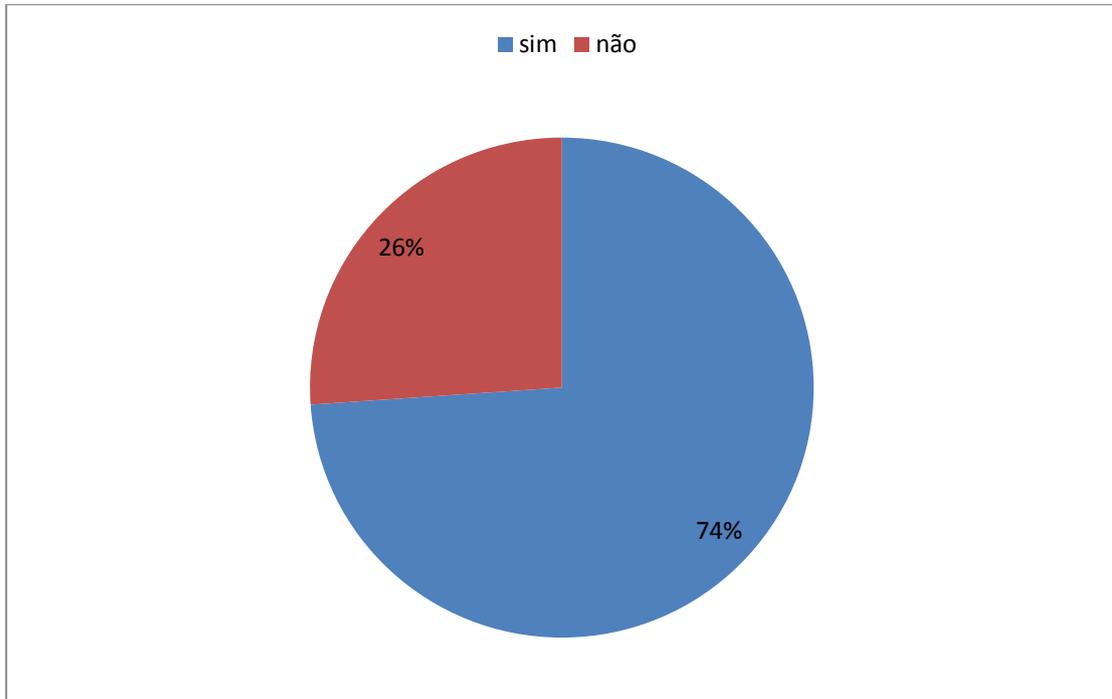
- aula diferente;
- porque nas *fanfictions* tem muita gente que ajuda;
- interessante escrever sobre o que gostamos;
- outros vão ler o que tenho para escrever;
- aprender a escrever palavras certas;
- estimula a escrever histórias;
- podemos modificar o que não gostamos na história;
- não gostava de escrever e com as *fanfictions* comecei a gostar.

Não,

- foi a mesma coisa que escrever um texto normal.

A maioria acredita que as *fanfictions* podem, sim, auxiliar a escrever melhor. Percebemos, então, que escrever sobre algo de que gosta influencia no momento da escrita; produzir um texto, podendo mudar um rumo já estabelecido, pode incentivar o estudante a ter mais prazer em escrever e, conseqüentemente, mais vontade em melhorar.

Gráfico 9 – Questão 2: Você gostou de escrever sobre algo de que era fã? Por quê?



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

JUSTIFICATIVAS:

Sim,

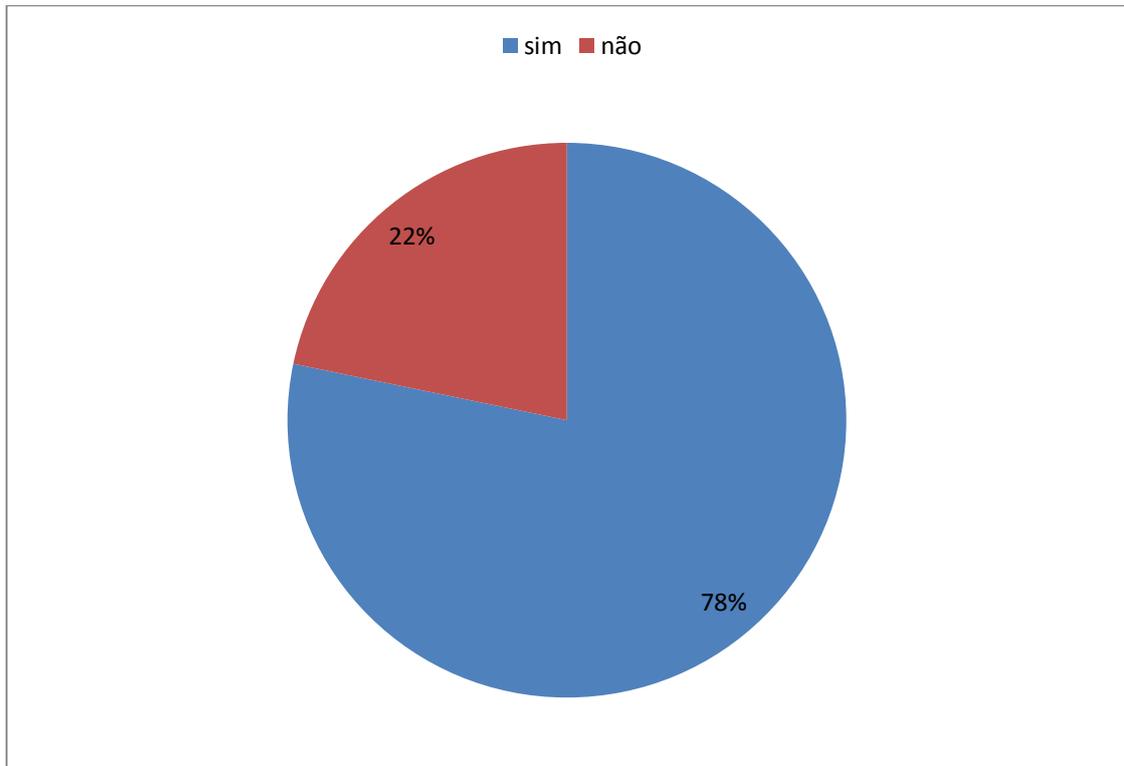
- foi interessante;
- pude mudar o final da história de que gosto muito;
- pude acrescentar algumas coisas na história original;
- me pronunciei sobre coisas que gosto;
- porque eu nunca tive a oportunidade de escrever alguma coisa que o mundo inteiro podia ler;
- bom escrever sobre coisas que gostamos.

Não,

- não sou fã de ninguém.

Assim como na resposta anterior, nessa pergunta os alunos disseram que gostaram de escrever sobre pessoas de quem eram fãs e foram além, relatando que poder mostrar seus textos a outras pessoas lhes agrada bastante.

Gráfico 10 – Questão 3: Várias pessoas podem ler suas histórias no site de *fanfictions*. Você gostou de postar suas histórias para outras pessoas lerem? Por quê?



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

JUSTIFICATIVAS:

Sim,

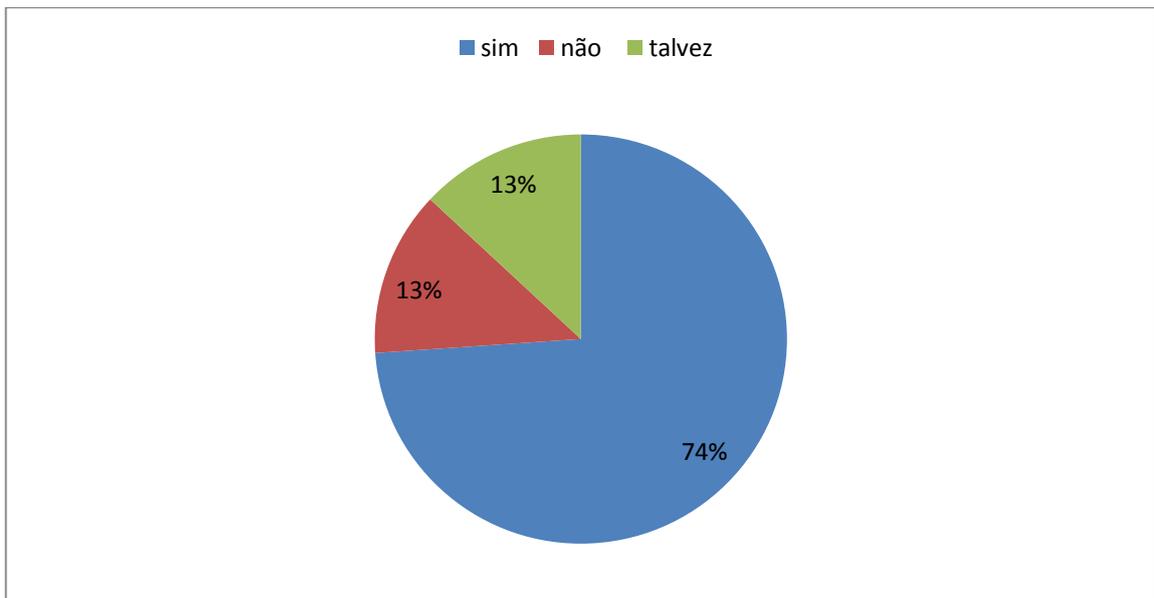
- porque minha história ficou muito boa;
- outras pessoas podem ter o mesmo pensamento que eu;
- se as pessoas gostarem, vão compartilhar e elas vão ficar famosas;
- porque todo mundo pode ver minha criatividade;
- porque queria a opinião de outras pessoas;
- porque através de mim as pessoas vão conhecer o *minecraft*;
- pude escrever uma história e ninguém me impediu de me expressar.

Não,

- eu tenho vergonha de mostrar o que escrevo.

Poder mostrar suas ideias motivou muito os alunos e contar do seu jeito histórias já existentes gerou neles estímulo para escrever. Outros também consideram que saber a opinião dos outros é importante.

Gráfico 11 – Questão 4: Você gostaria de continuar a escrever histórias no site de *fanfictions*?



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

JUSTIFICATIVAS:

Nessa questão, alguns justificaram dizendo que escreveriam nas férias e quando estivessem à toa.

Podemos observar que as *fanfictions* poderão fazer parte do dia a dia do aluno, pois, se gostaram de escrever na escola, possivelmente essa prática também poderá ser realizada em casa ou em outro lugar que puderem exercer essa atitude.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolvermos este trabalho, procuramos discutir sob qual paradigma devemos ensinar hoje: ensinar com base nos gêneros é ampliar a visão de nossos alunos, mostrando-lhes que atuar por meio de um gênero é atuar sobre sua vida (BAZERMAN, 2011).

Escolhemos o digital *fanfiction* por se tratar de um gênero no qual os alunos poderão escrever baseando-se em histórias já conhecidas, modificando-as da maneira que acharem mais conveniente e mais interessante; ademais, por esse gênero ser exclusivamente da internet, já que o estudante constantemente está conectado a alguma rede social e a outros aplicativos em geral.

Assim, esta pesquisa foi realizada com a finalidade de propor estratégias, por meio do gênero *fanfiction*, para os professores de língua portuguesa, com a intenção de incentivar e motivar o aluno a ler e escrever com mais prazer e competência.

Neste trabalho, também refletimos sobre a leitura e a escrita em sala de aula; observando que os alunos muitas vezes não leem, porque não têm prazer naquilo que leem, visto que, em muitas ocasiões, o professor obriga uma turma inteira a ler o mesmo livro, não respeitando o interesse individual do aluno. E na escrita não é diferente: o aluno escreve pouco, já sabendo que não terá, muitas vezes, uma devolutiva com considerações que o levarão a melhorar seu texto. Desse modo, ele acaba desanimando e escrevendo apenas por obrigação, o que o leva a escrever textos sem criatividade nem argumentação, a cometer inadequações gramaticais.

Portanto, podemos observar, por meio da aplicação do método utilizado com base nas *fanfictions*, que é possível, sim, proporcionar a melhoria e o prazer de ler e escrever. Esse fato foi analisado e percebido na turma de 8.^a série com a qual trabalhamos, tanto pela análise das produções textuais dos alunos quanto pelas respostas obtidas por meio dos questionários aplicados após a utilização da estratégia.

A maioria dos alunos, de acordo com a pesquisa, não gostava de escrever e lia pouco também, contudo demonstraram que ler algo de que são fãs e escrever sobre o que admiram é uma ideia que dá certo, uma vez que eles ficaram animados, não viram o tempo passar e ainda reclamaram quando a aula terminou.

Os alunos se empolgaram, pois, já na primeira aula, eles puderam falar sobre de quem eram fãs, falar sobre quem admiravam, de seus filmes, séries e jogos favoritos, e esse ânimo continuou até o final, pois gostaram bastante de escrever no site e saber que inúmeras pessoas poderiam ler, comentar e “curtir” seu texto, além de ler, no próprio site, inúmeras histórias “alternativas” sobre universos ficcionais conhecidos.

Essas atitudes, por si só, já são muito gratificantes para o professor de português. Entretanto, nossa análise não ficou somente na empolgação e na alegria de os estudantes se expressarem mais livremente e também escreverem histórias das quais eles já gostavam. Percebemos que tanto o desenvolvimento e a criatividade das histórias quanto a paragrafação, a pontuação, o tempo verbal melhoraram. No entanto, apesar de acreditarmos que sim, não temos dados mais consistentes para informar com exatidão que a continuação das aulas com as *fanfictions* levariam os alunos a adquirir as competências necessárias para escrever um texto narrativo mais coerente, com mais coesão; porém, podemos afirmar, com convicção, que houve, por meio dessas aulas, mudanças e melhoria, de modo geral, em relação aos textos dos alunos.

Por fim, esperamos que esta pesquisa suscite reflexões e novas abordagens sobre o gênero *fanfiction* sejam concretizadas, pois é um gênero com muito potencial para diversos enfoques, e a nossa foi apenas uma das tantas que podem ser realizadas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2004.

AMANCIO, Mariana; CHIARI, Marina. Fanfictions: incentivando a produção na Indústria Cultural. **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**, Belém, 2014.

AZZARI, E. F.; CUSTÓDIO, M. A. Fanfics, Google Docs... a produção textual colaborativa. In: ROJO, R. (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas I.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quartos ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Larissa Camacho. **Práticas de leitura na Contemporaneidade: Jovens & Fanfictions**. Porto Alegre: UFRS, 2012. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. Da UNB, 1999.

CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de textos no Ensino Fundamental: poema, narrativa e argumentação**. São Paulo: Cortez, 2001.

GERALDI, João Wanderley et al. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2014.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever. Estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática, 2010.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa Algazarra**: Reflexões sobre livros e práticas de leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORAN, José Manuel. O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD – uma leitura crítica dos meios [online] Disponível em: <www.portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdfT6%TextoMoran>. Acesso em: 26 ago. 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2012.

PASSARELLI, Lilian Ghiuro. **Ensinando a escrita**. O processual e o lúdico. São Paulo: Olho d'água, 2006.

ROJO, Roxane. **Escola Conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2014.

ROJO, Barbosa; ROXANE, Helena; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial. 2015.

SANTOS, Anelise Schroeder dos. **Fanfictions: possibilidades, alcance e limites do seu uso na escola**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens**: educando na era digital. São Paulo: Artmed, 2009.

XAVIER, Antonio Carlos. Hiperleitura e interatividade na Web 2.0 In: RETTENMAIER, Miguel; ROSING, Tania M. K. (Org.). **Questões de leitura no hipertexto**. Rio Grande do Sul: UFP, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta aos pais ou responsáveis explicando o projeto



INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Serra, 17 de maio de 2016

Senhores pais ou responsáveis:

Eu, Simone Carvalho de Oliveira Boechat, estou desenvolvendo um projeto de mestrado com a 8.^a série da EEEFM Clotilde Rato, na área de Língua Portuguesa.

Esse projeto contará com pesquisa e produção de textos feitos pelos alunos dessa série, com o objetivo de melhorar a escrita e leitura dos estudantes.

Para comprovar minha pesquisa, vou necessitar tirar fotos e filmar o trabalho desenvolvido em sala de aula, por isso preciso da autorização dos pais ou dos responsáveis.

As imagens só serão usadas para fins pedagógicos, não para fins comerciais. Conto com a colaboração dos senhores.

Qualquer dúvida, podem me procurar pela manhã, na EEEFM Clotilde Rato.

(30114267)

Prof.^a Simone Carvalho de Oliveira Boechat

APÊNDICE B – Termo para uso de imagem



**INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

Termo para uso de imagem

Eu, _____,
portador da cédula de identidade RG _____, responsável pelo (a)
aluno(a) _____ da
turma _____, autorizo que fotos e filmagens que incluam meu(minha) filho(a)
sejam feitas e divulgadas pela professora Simone Carvalho de Oliveira Boechat, para
fins de divulgação do trabalho do projeto para o mestrado (informativos, fôlderes,
jornais internos, documentários e/ou semelhantes).
Estou ciente de que as imagens serão usadas apenas para fins pedagógicos, e não
comerciais, resguardadas as limitações legais e jurídicas.

Assinatura do responsável

Serra, ____ de ____ de ____

APÊNDICE C – Exemplo de termo preenchido



INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
 MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
 CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Termo de autorização para uso de imagem

Eu, Claudia Duarte dos Santos,
 portador da cédula de identidade RG 08934653-7, responsável pelo
 aluno (a) VICKTOR RAMON DE OLIVEIRA
 da turma B*VI, autorizo que fotos e filmagens que incluam
 meu filho(a) sejam feitas e utilizadas, pela professora Simone Carvalho de
 Oliveira Boechat, para fins de divulgação do trabalho da escola
 (informativos, encartes, folders, jornais internos, documentários e /ou
 semelhantes).

Estou ciente de que as imagens serão usadas apenas para fins pedagógicos
 e não comerciais, resguardadas as limitações legais e jurídicas.

Claudia Duarte Santos
 Assinatura do responsável

Serra, 18 de maio de 2016

APÊNDICE D – Questionário com perguntas sobre Leitura, produção de texto e sobre ser fã



Questionário com perguntas sobre leitura, produção de texto e sobre ser fã.

Nome do aluno:

Série:

Idade:

Sobre Leitura

Questão 01 – Você gosta de ler? Por quê?

Questão 02 – Existe algum livro que você tenha gostado mais? Fale sobre ele.

Questão 03 – Escreva algo que você queira dizer sobre leitura.

Sobre produção de texto

Questão 04 – Você gosta de escrever textos na escola? Por quê?

Questão 05 – O que você escreve fora da escola? Onde?

Questão 06 – Como você acha que poderiam ser as aulas de produção de texto?

Sobre ser fã

Questão 07 – Você é fã de alguém? Livro, cantor, banda...

Questão 08 – Você já ouviu falar sobre *fanfiction*? Se sim, o que você sabe?

Questão 09 – Você acha que a internet pode te ajudar a ter mais interesse em escrever? Por quê?

APÊNDICE E – Questionário par aos alunos que participaram do projeto sobre
fanfictions



Depois de você ter participado de um projeto sobre *fanfictions*, por favor, responda às perguntas abaixo.

Nome:

Idade:

Série:

Questão 01 – Depois de ter feito algumas aulas usando as *fanfictions*, você considera que elas o ajudaram a escrever? Por quê?

Questão 02 – Você gostou de escrever sobre algo de que era fã?

Questão 03 – Várias pessoas podem ler suas histórias no site de *fanfiction*. Você gostou de postar suas histórias para outras pessoas lerem? Por quê?

Questão 04 – Você gostaria de continuar a escrever história no site de *fanfictions*?

ANEXOS

ANEXO A – Exemplo de *fanfictions*

A Carta De -A

Autor(es): Joana e Natália

Sinopse

Alison, Hanna, Emily, Spencer e Aria formavam um grupo de amigas conhecidas tanto dentro, como fora da escola da escola Rosewood. Juntas, elas eram implacáveis, até que sua líder, Alison, desapareceu misteriosamente. Dois anos depois, quando as garotas já estavam no colegial, alguém que se auto-nominava "-A", começou a enviar-lhes mensagens anônimas ameaçadoras que continham segredos que apenas sua amiga Alison sabia.

(Cap. 1) Capítulo Único

Alison se encaminhava para sua cela. O juiz havia dado o decreto final. Alison havia sido condenada e agora passaria o resto de sua vida em um lugar nojento, vendo o sol nascer quadrado. Alison se sentia um lixo e seu estômago ficava cada vez mais embrulhado ao se lembrar que teria que passar o resto de sua vida em um lugar imundo e cheio de ratos, mas esse era o preço a se pagar por ter ameaçado e torturado suas "amigas" por tanto tempo. Pela primeira vez, não era Alison que dava as ordens. Ela se perguntava "como teria chegado a esse ponto?". Tão perdida e tão sozinha... "Bobagem perguntar isso, você sabe muito bem! Dói, não dói? Eu sei que sim! Eu sei que doeu quando suas amigas te entregaram. Eu sei que doeu quando você sentiu a mão delicada de Mona te atingir no rosto com tamanha brutalidade. Eu sei que doeu ver todos te acusarem. Eu sei.

Você sonhava com o paraíso, mas e agora? Com o que você sonha querida Ali? Como é dormir profundamente, sabendo que há lá fora, uma mãe que você matou? Ou melhor, a criança que você era sentiria orgulho dessa atual Ali? Agora você sabe como é se sentir derrotada e humilhada. Você se lembra de quantas vezes fez Hanna chorar por conta de seu peso? E quantas vezes fez Emily se sentir culpada por sua sexualidade? E quando esfregava na cara de Aria o fato de seu pai ter traído sua mãe? E Spencer? Adorava deixa-la se sentir inferior...

Em quem você pode confiar agora? Em ninguém! Afinal, todos querem sua cabeça em uma bandeja! E agora Ali? Me diga, quem é que é a inferior?

Seus sonhos de princesa chegaram ao fim. Game Over Bitch.

-A"

ANEXO B – Produção de texto do aluno Luiz Guilherme

The Walking Dead

Luiz Guilherme

Quando amanheceu, eles virão que os zumbis foram para o outro lado. Então eles conseguiram passar. Só que de repente os zumbis voltaram em direção ao carro pois ouviram o barulho do carro e como eles não tinham para onde correr eles começaram a atropelar os zumbis, e de tanto zumbis fizeram eles atropelarem, então eles tiveram que sair do carro e começar a lutar no zumbis (que são muitos), conseguiram fugir para o floresta o para, até chegar no destino, eles chegaram a uma cidade que estava vazia, eles voltaram para a prisão onde eles se instalaram para ficar um tempo, mais tarde o grupo um a um foram voltando, para prisão de novo, no entanto tarde e no dia seguinte tiveram trabalho para fazer, primeiro foram Beth e Carl, logo depois Glenn e Maggie e então Andrea, Carol, Hershel e Rick.

Sobrando apenas null e dizem que se mantêm colados sem encostar um do outro, eles pensava no que dizer e ele pensava no que dizer, mais nenhum dos dois se atreviam a levantar seus olhos e se entrearam.

— Então você é de Kansas? Ele finalmente perguntou e ele levantou. Eles no próximo dia pegou um trailer e começou a andar dentro os zumbis começou a ir para a cidade mortimintado para pega as pessoas.

A primeira pessoa que eles acharam foi uma criança eles pegou a criança prender e a criança virou zumbis.

ANEXO C – *Fanfiction* do aluno Luiz Guilherme

The Walking Dead

Autor(es): sica

Sinopse

Zumbis querendo comer pessoas e você pode ser o próximo!

(Cap. 1) Capítulo 1

Quando amanheceu, eles viram que os zumbis foram para o outro lado. Eles conseguiram passar. Só que de repente os zumbis voltaram em direção ao carro, pois ouviram o barulho do motor e como não tinham para onde correr, começaram a atropelar os zumbis, e de tanto zumbi, precisaram sair do carro e começar a atirar neles (que eram muitos), conseguiram fugir pela floresta afora, até chegar no destino, chegaram a uma cidade que estava vazia e tinha uma prisão.

Foram para a prisão onde eles se instalaram para ficar um tempo, mais tarde outro grupo foi para a prisão dormir, pois já estava tarde e no dia seguinte teriam trabalho para fazer. Primeiro foram Beth e Carl, logo depois Glenn e Maggie, Andrea e Rick.

Sobrando apenas Nelly e Daryl na mata, para vigiar a chegada dos zumbis. Os dois se mantinham calados sem encarar um ao outro, ela pensava no que dizer e ele pensava no que dizer, mas nenhum dos dois se atreviam a levantar seus olhos e se encarar.

— Então você é do Kansas? Ele finalmente perguntou.

Ela se levantou e não respondeu.

No outro dia, os dois encontraram um trailer e começaram a morar dentro dele.

Os zumbis começaram a ir para a cidade, se movimentando para pegar as pessoas.

A primeira pessoa que eles acharam foi uma criança, pegaram a criança e a transformaram em zumbi.

Luiz Guilherme

Notas finais do capítulo

Ainda tem mais história, esperem pelo próximo capítulo.

ANEXO D – Produção de texto do aluno Wervegton

cidade de Deus
 Wervegton

cidade de Deus sempre com os amigos que ~~o~~ assalto na comunidade primeiro ele roubou o comércio de gás e ficou com bastante dinheiro os irmãos e o dadin e o pai de um deles era pescador trabalhado, ele vendia peixe com o irmão irmão mas quando passou um tempo o dinheiro acabou e ele ficou planejando um assalto que ele ia fazer com muito dinheiro aí ele e o dadin e falou o lugar perto de lago onde ele morava ele foi no motel assalto e colocou o dadin para vigiar quando viu algo suspeito aí ele foi ir embora mas o dadin deu o tiro e pro terminou aí ele dadin saiu e matou todos que estavam do motel e o tempo passou as polícia saiu, saiu outras delas todos se prenderam só o dadin que não, as polícia matou o dadin e levou o chefe do motel ele matou o único que estava vigia do assalto e falou meu nome não é dadin é É pequeno ele comandava o tráfico de droga com o amigo dele o lene ele foi ficando doído e matou o lene depois viu uma mulhe e matou ele.

ANEXO E – *Fanfiction* do aluno Wevergton

Cidade de Deus

Autor(es): sica

Sinopse

Bairro onde moram pessoas carentes e sua histórias

(Cap. 1) Capítulo 1

Notas do capítulo

Cidade de Deus começa com os amigos assaltando na comunidade, primeiro eles roubam o caminhão de gás e fica com bastante dinheiro, os irmãos do Dadim.

O pai deles era pescador, trabalhador. Ele vendia peixe com o irmão menorzinho, mas quando passou um tempo o dinheiro acabou e ele estava planejando um assalto.

O assalto foi assim:

Dadim falou:

- O lugar perto do lago onde eu morava, tem um motel, onde vai ser fácil de assaltar.

Dadim ficou de vigia, quando via alguém suspeito avisava eles.

Os irmãos roubaram, mas Dadim deu um tiro só para terminar, Dadim matou todos que estavam no motel.

A polícia chegou e começou a procurar eles.

Após isso, Dadim cresceu, virou chefe do morro e começou a comandar o tráfico.

Só que aconteceu uma coisa diferente na vida de Dadim, ele conheceu uma pessoa que começou a mudar a vida dele.